

ESMAE | POLITÉCNICO
DO PORTO

Departamento de Artes da Imagem

Mestrado em
Comunicação
Audiovisual

Pedro Mauro Firmiano

**Grupo de Estudos de Documentário (GEDoc) da Universidade
de Fortaleza (UNIFOR)**

MCA. 2014

Relatório para a obtenção do grau de Mestre
em Comunicação Audiovisual
Especialização Fotografia e Cinema Documental

Orientador

Jorge Campos

Pedro Mauro Firmiano

**Grupo de Estudos de Documentário (GEDoc) da Universidade
de Fortaleza (UNIFOR)**

MCA. 2014

Relatório para a obtenção do grau de Mestre
em Comunicação Audiovisual
Especialização Fotografia e Cinema Documental

Orientador

Jorge Campos

Coorientadores

Valdo Siqueira

Ana Quezado

Aos meus pais, pela fé infinita em mim depositada, a minha sobrinha, minha irmã e cunhado por serem exemplos de família, e ao meu tio Rilmar, sem ele essa conquista não seria possível.

agradecimentos

Aos meus amigos Hilca Lavor e Emmanoel Moreira por sempre me ajudarem nos momentos tortuosos dessa caminhada.

Aos meus tios Zeca, José Vieira e Ivanda.

Aos meus coorientadores Valdo Siqueira e Ana Quezado pelo comprometimento e conselhos.

Aos meu orientador Jorge Campos pela paciência e seus ensinamentos. Ao professor Quinta Ferreira pela sua atenção inesgotável.

A Universidade de Fortaleza e aos companheiros de *GEDoc* em me receber nessa jornada.

A Portugal por me proporcionar essa oportunidade e conhecimento.

palavras-chaves

documentário, cinema, grupo de estudo

resumo

Este trabalho é um relatório que descreve o estágio realizado no Grupo de Estudos de Documentário (GEDoc), na Universidade de Fortaleza (Unifor), onde se desenvolve pesquisa e realização de vídeos documentais com ênfase na cultura local e em linguagens diversificadas do campo artístico, cultural e sociológico. O grupo é composto por alunos de graduação de primeiro ciclo em Audiovisual e Novas Mídias. A pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de compreender seus métodos de trabalho e sua relação com a sociedade, através da participação em reuniões periódicas, produções documentais e exibição dos materiais editados. O grupo se reorganiza com temporalidade descontínua, sendo o início de cada semestre o marco de cada renovação, fato que acaba dificultando a continuidade e prazos de realização, mas não limita o processo de criação e aprendizado. Apesar de ter encontrado dificuldades de acompanhar o ritmo de dois períodos letivos distintos, do local do estágio e da Escola, foi possível investigar e compreender os processos metodológicos pelos quais passam o grupo. Apesar do GEDoc não ter tanta visibilidade na atualidade, por conta da fraca divulgação ou de má recepção, estes fatos não anulam o valor e a importância do coletivo, tendo em vista que o conteúdo produzido é uma forte ferramenta que pode servir como fonte de pesquisa para investigações vindouras que se arvoreem à objetivação do mesmo material escolhido. Outro ponto bastante significativo a favor do GEDoc é esta produção ser uma valiosa fonte de vitalidade da utilização da imagem e do som documentais para a memória da cultura local.

keywords

documentary, study group, cinema

abstract

This work is a report describing the research at the Study Group Documentary (Gedoc), University of Fortaleza (Unifor), this group develops researches and carrying out documentary videos with emphasis on local culture and languages of the diverse artistic field, cultural and sociological. The group consists of undergraduate students in first cycle in Audiovisual and New Media. The survey was developed in order to understand its working methods and its relationship with society through participation in regular meetings, documentary production and display of edited material. The Gedoc was reorganized with discontinuous temporality, being the beginning of each semester the exact time of each renewal, a fact that makes it difficult to continue and timescales, but not limit the process of creating and learning. Despite having found difficult to keep up with the group during two different semesters, from the location of the stage and the School, it was possible to investigate and understand the methodological process that the group faces. Although the Gedoc not have great visibility, due to weak disclosure or poor reception, these facts do not detract from the value and the importance of the collective, given that the content produced is a strong tool that can serve as a source of research for future investigations that flying to the objectification of the same material chosen. Another very significant point in favor of this production is Gedoc be a valuable source of vitality in the use of image and sound for the documentary memory of the local culture.

índice

08	1. Introdução
11	1.1. Problemática
15	1.2. Objetivos
15	1.2.1. Objetivos Gerais
15	1.2.2. Objetivos Específicos
15	2. Revisão Bibliográfica
18	3. Metodologia
21	4. Encaminhamentos
22	5. Considerações Finais
24	Referências Bibliográficas
25	Filmografia
27	Anexos

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado corresponde a uma escrita reflexiva, em forma de relatório, acerca de um objeto claramente definido: uma investigação sobre um grupo que produz filmes documentários. Circunscrevendo e limitando-o no tempo e no espaço, o grupo em questão encontra-se sediado no interior do curso de Audiovisual e Novas Mídias da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), cidade de Fortaleza, estado do Ceará, nordeste do Brasil, na América do Sul. O trabalho concentra-se na participação observacional deste sujeito pesquisador no local objetivado, em período compreendido entre fevereiro e julho do ano 2014.

A opção por este tema, em forma de objeto de pesquisa, significa para mim, uma oportunidade de observar seu campo particular, amear dados do objeto, entrevistar, analisar, questionar e refletir sobre o grupo, lançar luz sobre a trajetória, sobre seus *habitus*¹, certezas e incertezas que permeiam sua história. A fim de não tomar um objeto muito amplo, busquei as interrogações iniciais, suas problemáticas, brotadas dos primeiros contatos, primeiras observações, pois acredito que dessa forma, as temáticas estão mais delimitadas.

O que se considera ser um grupo que estuda documentário? Até que ponto há conexões entre estudos científicos e manifestações artísticas em um grupo característico e referente? Qual a essência do trabalho desse grupo? Há alguma tendência ideológica ou política nos trabalhos realizados? Como trabalha os significados de seus objetos no interior dos vídeos? Como a sociedade percebe as realizações dos alunos integrantes do GEDoc? Qual a temporalidade trabalhada nessas produções?

Existem, certamente, vários matizes sobre as quais podemos enxergar e distinguir iniciativas deste porte no interior de uma universidade. Naturalmente, preocupei-me com um recorte definido, a fim de dar conta dos objetivos deste trabalho, o que se menciona nas linhas em seguida. Evidentemente, ao observar este recorte, terei também uma boa ideia sobre aquilo o que se propõe em parte do documentário acadêmico nesse local, onde se dá a pesquisa presente, visto que reflete pelo menos um ponto de vista de documentaristas locais. Ao analisar algumas produções desse coletivo, tenho consciência que estarei analisando uma parte do todo, de uma região delimitada onde o filme documentário tem uma presença bastante marcada. Neste tocante, vale a pena destacar que essa problemática começa onde iniciam as peculiaridades do fazer documental no lugar onde Orson Welles filmou o inacabado *It's all true*, 1942, lembrança sempre mencionada como de uma referência simbólica forte para a região geográfica em que se insere a pesquisa.

¹ Conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, calcado na dualidade entre sujeito (indivíduo) e sociedade. Assim, os *habitus* de agentes sociais (indivíduos) são pensados como parte da sociedade, instâncias relevantes como família, escola, e até a mídia no mundo globalizado, mantém a dinâmica dessa relação.

Nesse sentido, organizei-me para, no período supramencionado, determinar que o ponto de partida do trabalho, portanto, se daria no contato presencial semanal e constante com esse grupo, seus integrantes, estudando suas maneiras de sociabilidade, seus anseios, suas produções audiovisuais e a recepção dos bens culturais gerados pelo grupo. Referindo-me aos estes, em particular, também desenvolvo minha participação de forma subjetiva, estendendo-me para o interior destas, na forma de produtor audiovisual, como realizador documentarista que sou. Contribuiu de forma decisiva uma inserção do pesquisador nesse campo determinado, tendo em vista que estudei e me graduei nessa universidade, onde tive livre permissão para retornar com a pesquisa e o estágio.

Tomando, por consequência, uma premissa de pesquisador, o levantamento de dados iniciais, busquei inteirar-me dos processos de criação e desenvolvimento do grupo, no intento de compreendê-lo (por dentro), à maneira do que fica sugerido nos trabalhos etnográficos desenvolvidos pelos criadores deste campo de pesquisa (como, por exemplo, Bronislaw Malinowski, que citarei mais adiante). No convívio frequente e cotidiano, procurei entender sua lógica de desenvolvimento dos trabalhos de documentário no campo da produção de bens culturais, embora tenha bastante intimidade, visto que estive como pesquisador e integrante do grupo nos anos de 2010/2011.

Minha investigação, portanto, busca compreender em que medida se dão os estudos e pesquisas sistemáticas desenvolvidos pelo grupo referido, no âmbito acadêmico em que se insere, bem como, entender até que ponto tais sistematizações repercutem no discurso de seus integrantes e também nas peças documentais realizadas por estes.

Em contato direto com o coordenador do grupo de estudo e com os seus componentes, através de reuniões presenciais de periodicidade semanal, assim como o acompanhamento diário do grupo na comunidade virtual que se estabelece em espaço de mídias sociais², desenvolvi minha investigação de observador e integrante ao mesmo tempo, o que considero um diferencial da pesquisa, tendo em mente que tal fator pode mudar o ponto de vista do trabalho. Muitos autores percebem esses fatores (indivíduo pesquisador - sujeito com inserção no campo de pesquisa) como pouco isentos. Mas, como cito a seguir, amparo-me nas palavras de Geertz³, um autor que compreende essa inserção no campo como inteiramente relevante na pesquisa. Isso me permitiu tanto a observação participante, o que mais à frente discriminaremos como sendo parte de uma metodologia de “experiência próxima”, como também proporcionou as condições de investigação de um estudo de recepção, em que se preserva certo distanciamento do objeto.

Para além do que foi exposto inicialmente, o interesse de minha parte por essa temática se deu por várias vias, sendo que, inicialmente, o mais evidente a se perceber, é o fato de que, enquanto ex-integrante do grupo de estudos, havia percebido e constatado que o trabalho

² Facebook, <https://www.facebook.com/groups/139776029454062/?fref=ts>, comunidade do GEDoc.

³ GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997, capítulo 03, pag. 61.

desenvolvido nele tem sido calcado em uma dimensão bastante diversa e, às vezes, até ambígua, posto que os trabalhos audiovisuais estão sendo frequentemente produzidos de fato, contudo, não têm visibilidade externa, para o extramuros; as realizações têm efeito de documentários de memória, mas não são reconhecidos como tal; os mesmos são instrumentos de conhecimento de campos de estudo diversos, mais do que próprio campo documental. Em algumas oportunidades, a feitura documental deixa escapar alguns conhecimentos, e tais fatores serão explicitados com maior aprofundamento nas linhas que se seguem, referentes à problemática sugerida neste estudo que ora apresento.

1.1. PROBLEMÁTICA

Não obstante ter conhecido o Grupo de Estudos de Documentário (GEDoc) do ponto de vista interno, como participante, tendo assim, o meu local de pesquisa considerado como um “campo próximo”, meu interesse nestes estudos se dá primeiramente por conta de haver percebido que o trabalho desse coletivo não tem reconhecimento de sua importância no âmbito geopolítico em que se insere. Neste sentido, lancei novas interrogações para compreender o(s) por que(s) desse fato ocorrer: haveria apropriação da cidade desses vídeos documentários? Em que medida as peças documentais geradas ganham visibilidade, tendo seus temas difundidos em âmbito não acadêmico?

E mais: como são escolhidas as temáticas desenvolvidas no interior do grupo? Quais temas tocam mais diretamente ao interesse do coletivo? Como os integrantes percebem essa “escolha”? Quem escolhe os temas? Como esses componentes se apropriam das temáticas? Em que medida ocorre uma mudança do ponto de vista dos componentes do grupo acerca dos assuntos, antes e depois de suas realizações? Seus membros desenvolvem uma linguagem comum? Eles incorporam a ideia de se tornarem “documentaristas”?

A fim de não tomar um objeto muito amplo, busquei outras interrogações, melhor definindo as problemáticas, brotadas dos primeiros contatos, primeiras observações, pois acredito que dessa forma, tais questões ficam mais delimitadas.

O que se considera ser um grupo que estuda documentário? Até que ponto há conexões entre estudos científicos e manifestações artísticas em um grupo característico e referente? Qual a essência do trabalho desse grupo? Há alguma tendência ideológica ou política nos trabalhos realizados? Como trabalha os significados de seus objetos no interior dos vídeos? Como a sociedade percebe as realizações dos alunos integrantes do GEDoc? Qual a temporalidade trabalhada nessas produções?

Como se vê, há muitas questões, que ao longo do período desta pesquisa foram se impondo ao estudo, restando-me efetuar o recorte que caiba em minhas primeiras impressões, somado às mais recentes.

De forma mais efetiva, compreendo que a problemática levantada com maior pertinência seja a que se relaciona ao método de trabalho desse coletivo. Para o acompanhamento de um recorte nesse sentido, concentrei, portanto, na interlocução com o coordenador do grupo, professor Valdo Siqueira⁴, o amparo para minhas observações sobre os componentes dessa problemática.

Segundo Siqueira, o grupo nasceu de “forma natural”, posto que ele era o professor da disciplina de Documentário, em que se produz e realiza trabalhos práticos, sendo, portanto, um dos responsáveis mais diretos por esse tipo de filme no curso de Audiovisual e Novas Mídias, ligado ao Centro de Comunicação e Gestão. Atendendo a uma demanda cada vez mais crescente por produção documental, advinda de parte dos alunos, o professor, com vasta experiência no trabalho em comunidades periféricas urbanas, dedicou-se à montagem do grupo de estudos. No início, houve o levantamento de uma bibliografia básica, a qual tivemos acesso; depois, a convocação de alunos para integrarem o coletivo. Em princípio, abriram 15 vagas, das quais, 14 foram preenchidas (é interessante perceber que este é o número médio de frequentadores do grupo ainda hoje, embora haja rotatividade de seus membros). Em reuniões semanais, o grupo formou-se, em encontros coordenados pelo professor. No primeiro momento, havia a participação de uma integrante que já era doutora⁵, porém, além do professor, todos os outros membros são alunos de graduação.

Quando instado a falar sobre o método de trabalho, o professor argumenta que havia se dedicado durante anos para o ensino de adolescentes e jovens adultos das periferias urbanas da cidade, pois trabalhara há muitos anos com organizações da sociedade civil, tais como, OCIPs e ONGs, tendo, inclusive, fundado cinco entidades, e participado como dirigente em algumas delas. Por isso, haveria uma certa disposição para o trabalho junto a jovens da graduação. Pensando estrategicamente para socializar conteúdos entre esses jovens, Valdo Siqueira propôs reuniões que eram inicialmente divididas entre sessões de estudo de textos e práticas de campo. Os alunos reproduziam os textos através de impressões digitalizadas de livros, liam em voz alta e discutiam suas propriedades gerais. Depois de um encontro desses estudos, os alunos dedicavam-se a discutir temas possíveis que pudessem render bons filmes documentais.

Por orientação do professor, o grupo passou a indicar temas, desde o início das atividades do grupo, que tivessem correlação com o mundo social mais específico, ou seja, o local, regional. Isso resulta a escolha de assuntos que toquem diretamente os membros do grupo, habitantes desta região brasileira. E mais, por definição do orientador, todos os temas sugeridos deveriam

⁴ Valdo Siqueira, 49 anos, formado em Filosofia, mestre em Comunicação, com ênfase em Fotografia e Audiovisual.

⁵ Célia Gurgel do Amaral, doutora em Sociologia, professora aposentada da Universidade Federal do Ceará, aluna do curso Audiovisual e Novas Mídias (Unifor).

manter estreitamente ligação com os campos das artes e da cultura, mais especificamente, as locais. Não à toa, as primeiras peças audiovisuais de cunho documental produzidas por alunos foram inteiramente dedicadas ao tema “artes visuais no Ceará”. Dois vídeos documentários foram produzidos na primeira fase do grupo, *Do branco* e *Diálogos*. O primeiro determina-se a descrever o vazio existencial de um artista plástico, Júlio Silveira, em sua fase “branca”. Nele, Silveira ronda a casa, molha as plantas no quintal, faz pão na cozinha de uma humilde moradia no litoral cearense, enquanto conversa sobre coisas diversas de sua vida. São reflexões sobre o mundo, que afetam diretamente sua obra. Ele diz: “*estou muito preocupado em fazer as coisas, inclusive, nada!*”.

A natureza desse vazio interior acaba por derramar-se em suas telas, recheadas de branco. Daí porque o título do vídeo se impregna da fala do pintor e *performer*. Para ele, a escolha de pintar em branco é parte do processo de vazio, portanto, extensão de suas sensações e desejos. Nesse vídeo, o artista aparece poucas vezes pintando.

Nota-se que o documentário pertence a um tipo de concepção fílmica que se resolve mais pela ação direta do editor/montador do que propriamente de um diretor. Há uma certa “denúncia” da ausência de direção no produto acabado, talvez, fruto da ainda presente inexperiência dos alunos. A liberdade adotada pelo grupo permite, inclusive, a utilização de diferentes suportes e formatos técnicos, que acaba gerando uma confusão de resoluções e definições de imagem. Ora se grava com câmeras fotográficas simples, ora com câmeras profissionais. Ora tem som audível, às vezes não.

No segundo vídeo, *Diálogos*, se faz uma densa pesquisa relacional entre 23 artistas plásticos cearenses, no momento em que se dedicam a produzir suas telas em diálogo com as figuras feitas por um único autor, Fernando França. No filme, praticamente não se mostram rostos de artistas, mas fragmentos de seus corpos. A câmera “lambe” a pele de cada um, mostra as ranhuras da tez dos personagens reais, como se quisesse abrir e entrar nas fissuras dos grandes quadros (em geral, com a proporção humana, entre 1,70 e 2,0 metros). Chega-se a ver as marcas da pele de cada um. Da mesma forma, a câmera se aproxima em macro das figuras pictóricas pintadas. Aqui, diferente do vídeo anterior, aparece como uma decisão tomada pelo grupo de forma antecipada, o que pode ser percebido na fotografia extremamente dedicada aos *closes* e detalhes macros de cada cena. Os artistas são mostrados em suas próprias casas, percorrendo as telas e paredes, como se houvesse um apelo pelo território pessoal, individual. Nas telas coloridas, há balões, como em histórias em quadrinhos, em que os artistas pintam, um na tela do outro, como em autorretrato. Diferentemente do primeiro, esse trabalho contém uma unidade fotográfica, mantida pelo tipo de escolha de câmeras e filtros, bem como, dos enquadramentos, sempre muito fechados. O recurso confere, na minha ótica, uma uniformidade não conseguida no primeiro documentário.

Há muitos outros vídeos, prontos e acabados, porém, não temos o quantitativo fechado, visto que nem mesmo os integrantes do grupo sabem ao certo quantos são. Na segunda fase,

quando o grupo já estava mais sedimentado e passou a possuir uma unidade no número de integrantes (em geral, 14 membros), os filmes amadurecem muito, quanto à forma. Brotam desse período, vários vídeos documentários, *Contramão: trajetória do maracatu no Ceará*, *Gilson Break*, *Teatro da luz*, *Cordel*, *A tradição do repente no Vale do Jaguaribe*, *Luiz e Raimundo*, os três últimos em realização.

O primeiro documentário, *Contramão*, descreve-se na sinopse como “*um estudo vivo pintado no campo, em que se consagra a manifestação popular: o asfalto da avenida. É um vídeo que busca compreender em que sentido o maracatu engendra processos de identidade e cultura no âmbito local, Fortaleza, Ceará. Ouve estudiosos e participantes dos blocos sobre as formas de sociabilidade e memória dos coletivos, que atravessaram um século até chegarem aos nossos dias, modificados tanto quanto renovados. A narrativa se constrói assim, onde se expõem indivíduos, vestes, instrumentos, batuques e incrementos, que têm feito o Maracatu manter-se vivo, mesmo contrariando os eventos desestabilizantes do Ceará.*”

A proposta, como se vê, é muito ligada aos estudos etnográficos, pois se dedica a pesquisar no âmbito artístico as relações com a construção do mundo histórico local. Nesse sentido, considero pertinente relembrar a proposta de Bronislaw Malinowski, citado na introdução, para o contexto etnográfico desse tipo de trabalho, “*é imprescindível que cubra a totalidade de todos os aspectos - social, cultural e psicológico - da comunidade, pois esses aspectos são de tal forma interdependentes que um não pode ser estudado e entendido a não ser levando-se em consideração todos os demais*” (1976, p. 16).

Apesar desse fato, do ponto de vista conceitual, esses trabalhos documentais não carregam as tintas de uma tradição do documentário, preferindo ligar-se às expressões contemporâneas da imagem no Brasil⁶, no sentido em que se lançam às experimentações e singularidades, que necessitam de aspectos de sensorialidade muito próprios da concepção contemporânea. Isso, no entanto, não garante que tais imagens e sons estejam em consonância com aquilo o que se costuma chamar de arte contemporânea. Em artigo *Contrapontos com o documentário moderno*⁷, as autoras comentam acerca de uma produção documental recente no Brasil: a recusa do que é “representativo” e o privilégio das afirmações de sujeitos singulares são dois traços marcantes de diferenciação entre o documentário contemporâneo brasileiro e o chamado documentário moderno, em particular aquele produzido no decorrer dos anos 60 (2008, p.20).

⁶ “Este ensaio se atém à produção independente de filmes e vídeos documentais no Brasil a partir dos anos 90, mas faz breves recuos às décadas anteriores para melhor distinguir rupturas e continuidades em relação ao documentário realizado no país desde os anos 60. Nosso esforço aqui foi o de retomar questões presentes na produção e na crítica ao longo dos últimos anos e abordar outras que nos parecem importantes para debater essa forma de cinema. Esse procedimento implicou escolhas de filmes e autores, e nos fez deixar de fora um número considerável de obras recentes. Embora haja exceções, privilegiamos filmes já exibidos em salas ou na televisão, em função de sua circulação e maior presença no debate público. Mais do que julgamento de valor, nossas escolhas de obras correspondem à tentativa de identificar recorrências, caminhos representativos e traços novos nesta produção.”

(LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia - *Filmar o real - sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008, p. 20).

⁷ LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia, op.cit

Em consulta ao orientador do grupo, explica-me que esse fato surgiu da leitura conjunta de um texto extraído do livro citado, em que as autoras explicitam as novas formas de abordagem de situações e personagens da vida social brasileira a partir de uma nova ótica, um tanto distante de uma tradição documental. *“Táticas de filmagem, escolhas estéticas, o papel e a influência das tecnologias leves e de baixo custo (...)”*, como está descrito no preâmbulo do livro, na primeira aba da capa. Segundo as autoras, há a renovação de uma produção de documentário brasileiro, sobretudo, de uns anos para cá, porquanto se transformaram as estratégias de abordagem, que favorecem a aproximação com a arte contemporânea, propicia *“outras maneiras de se relacionar com imagens em movimento, redefinindo temporalidade, espaço, narrativa e impondo modificações à interação do espectador”* (2008, p. 58).

Para além dessa discussão, acentuam-se os limites de uma produção documental mais “sociologizada”, quando o autor da ação particular captada pela câmera (o sujeito do discurso) tem voz direta para o sujeito da experiência (o documentarista), porém, diferente dos filmes modernos no Brasil, imagem e som não necessariamente andam juntos. Em vez de vozes, esses documentários expõem muito mais ruídos de cena, como artifícios de linguagem, importantes para a compreensão de um novo momento do documentário brasileiro. Assim, os filmes acabam se distanciando um pouco da produção imediatamente anterior a este período.

O fato, contudo, não garante absolutamente nenhuma fidelização de grupo a esse gênero de imagem contemporânea, descolada do real. Tampouco assegura que essas peças audiovisuais tenham uma estética uniforme, planejada. Ao contrário, existem mais derivas do que certezas. Não há qualquer registro sobre temporalidade, apesar de sabermos quando e onde foram filmados. Apenas uma cena é feita à luz, no quintal sítio do artista Estrigas, o mais velho pintor no estado do Ceará. Aparentemente não há nada que o diferencie dos outros 22 artistas, que tenha merecido essa distinção imagética.

Esses filmes, embora sejam interessantes, não tiveram qualquer visibilidade pública, ainda que tenham sido exibidos em pequenos circuitos e, como é o caso de *Diálogos*, tenha havido uma exibição no museu em que ocorreu a exposição dos enormes quadros pintados. As mostras promovidas pelo grupo se resumem ao interior da instituição onde foram realizadas, o que, certamente, restringe enormemente a visualização dos mesmos.

A partir da observação contida destes processos passamos a levantar as razões que levam a esse fator inibidor de visualidade. Daí se forma parte considerável desta problemática. O grupo também produz uma vez por ano uma série de cinco programas sobre documentário, exibida na televisão educativa da Universidade de Fortaleza. O programa, *Unifor.doc*, está no segundo ano, são exibidas produções de alunos e professores da universidade.

Como abordado anteriormente, interessa-me entender inicialmente como são feitos os estudos teórico e prático, pesquisa e atividade de campo, como são trabalhados os signos de uma linguagem audiovisual nesses documentários. E mais, se os integrantes do coletivo reproduzem o

discurso do orientador, e vice versa, como a sociedade se reconhece nos significados colocados nos vídeos.

1.2 OBJETIVO

1.2.1. OBJETIVO GERAL

Compreender o método de trabalho do Grupo de Estudos de Documentário (GEDoc), do curso de Audiovisual e Novas Mídias da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), investigando seus meandros no intento de observar como se dá o alcance das produções e realizações deste coletivo junto aos entes sociais e a cidade.

1.2.2. OBJETIVO ESPECÍFICO

Gerar um texto dissertativo sobre as reflexões acerca do tema geral, que possam lançar um olhar crítico sobre o coletivo.

Gerar um relatório de experiência capaz de expor em linhas gerais os pontos estudados e investigados na presente pesquisa.

Sistematizar tais experiências em forma de relatório, visando documentar cada etapa de desenvolvimento de trabalho do grupo.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Uma busca pela compreensão do que representa o documentário brasileiro foi minha primeira tarefa neste trabalho. Dado o largo período histórico em que se insere esta produção, busquei referências bibliográficas que tentassem dar conta de forma mais genérica a esta produção. Inicialmente, deparei-me com o nome inexpugnável de um cineasta brasileiro, estranhamente pouco conhecido pelos alunos (não me refiro aos do GEDoc): Alberto Cavalcanti.

Tive a oportunidade de aproximar-me de publicações sobre o cineasta, três delas bastantes elucidativas para o estudo: *Alberto Cavalcanti: um brasileiro cineasta do mundo*⁸; *“Alberto Cavalcanti”*⁹ e *“Filme e realidade”*¹⁰. Não me resta dúvida que, de certa forma, existe uma ação direta desse brasileiro documentarista, como um sopro de vivacidade através de estudos pontuais no meio acadêmico, instigando a procura e reflexão. Cavalcanti, mesmo distante do chão nativo, trazia em sua essência qualidades fundamentais de nosso povo, em confronto com sua

⁸ VV.AA (2002), *“Alberto Cavalcanti – um brasileiro cineasta do mundo”*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 2002.

⁹ PELIZZARI, Lorenzo; VALENTINETTI, Cláudio M. *“Alberto Cavalcanti”*. São Paulo: Série Ponto de Brasil, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, Festival internacional do film Locarno, 1ª ed., 1995.

¹⁰ CAVALCANTE, Alberto. *“Filme e Realidade”*. Rio de Janeiro: Artenova/Embrafilme, 1976.

experiência europeia e contraditória. Aparentemente seus podem até não carregar o gene, tanto de Cavalcanti¹¹, como, por exemplo, de John Grierson, expoente da tradição inglesa, mas certamente possuem características que lembram certas premissas deles. Assim como em Grierson acreditava no cinema como peça fundamental de cidadania e educação, o brasileiro se preocupava em questões complexas da sociedade moderna, do despreparo dos jovens, e a necessidade de uma condução através da arte.

Busquei essa aproximação com o trabalho de Cavalcanti devido à recorrente lembrança de seu nome nas entrevistas que fiz com o orientador do grupo de estudo, professor Valdo Siqueira. Perguntei-lhe até que ponto exercera influência nos documentários do grupo. Na ótica do professor, “*pouco, muito pouco*”. Mesmo assim, consegui encontrar similaridades entre propostas estéticas de Cavalcanti e do grupo, provavelmente por ele manter incólume sua condição nacional e suas raízes. Quando o cineasta diz “*ao fazer um filme sobre os correios, escolha fazer a história a partir de uma carta*”, na realidade, há uma aproximação das escolhas do grupo, sempre escolhendo recortes, para não incorrer no erro de selecionar temas muito amplos.

Também recolhi muito material do livro *Documentário no Brasil - tradição e transformação*¹². Em especial, dada à característica assumida pelo grupo, do capítulo dedicado às tendências do documentário etnográfico brasileiro, escrito por Patrícia Monte-Mór (p. 97). “*Pesquisa antropológica e cinema têm uma história de contatos*”, diz a autora. Acentua que ambos nasceram no século XIX, no florescer do engenho de homens dedicados a registrar o mundo histórico, cada um com seus meios. O pesquisador, viajante natural, registra em seu diário de campo os meios de vida de comunidades, as mais ermas, trazendo à luz uma etnografia de povos e locais sobre os quais pouco se sabia. O cinema, por sua vez, inicialmente dedica-se a captar tais meios no tecido urbano, transportando para seu diário imagético toda uma etnografia escondida, fazendo-a chegar aos destinos mais diferentes. Alberto Cavalcanti aqui é citado como um que compreende esse período como definidor do *status* de documentário em que os irmãos Lumière foram envolvidos. Mas, efetivamente, o filme etnográfico é que recebe particular abordagem no artigo de Patrícia, que destaca a necessidade de definir seu recorte nesse tipo de

¹¹ “O carioca Alberto Cavalcante deixou o Brasil aos 17 anos, em 1913, para estudar arquitetura na Suíça. A Grande Guerra o pegou por lá e no início dos anos 20 estava em Paris como cenógrafo de Marcel L'Herbier e Louis Delluc, na raiz da Avant-Garde, evento cinestético de grande profundidade, uma nova modelagem no substrato do filme, na multiplicidade de movimento da câmera, do objeto, da luz, da arquitetura dramática. Na patota inicial estavam os espanhóis Salvador Dali, García Lorca e Buñuel, os franceses René Clair e Jean Renoir, o brasileiro Cavalcanti com *Le train sain yeux*. Um acontecimento tão forte que a palavra vanguarda passou a denominar genericamente os movimentos artísticos de ponta, em qualquer modalidade. Cavalcanti é o mais “realista” desse grupo iluminado dos anos 20, trazendo para o universo ficcional não apenas a imagem bruta da vida, mas também um ritmo e um tom que reaproximem o espectador da pulsação natural das coisas – ‘manifestação da corrente documental na Avant-Garde’, segundo Georges Sadoul, o maior historiador francês do cinema. É assim em filmes com *Rien que les heures* e *En rade*, que refilmaria trinta anos depois no Brasil com o título *O canto de mar*.” (SENNA, Orlando – “*Alberto Cavalcanti, um brasileiro cineasta do mundo*”, p. 5).

¹² TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). *Documentário no Brasil - tradição e transformação*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

cinema. Segundo ela, etnografia e observação participante são instrumentos da Antropologia que se colocam como método de descrição e observação de sociedades, tanto espacial, como culturalmente.

Podemos falar também dos registros fílmicos de culturas e de sociedades que, como documentos, se revestem *a posteriori* de interesse antropológico: descrições não ficcionais que são o resultado de uma vivência efetiva do cotidiano, dos rituais, das relações sociais de diferentes grupos, de diferentes povos (p.98).

Há muitos pontos de encontro entre esta observação e o método de trabalho adotado no grupo de estudo coordenado pelo professor Valdo Siqueira, visto que é um atento leitor de escritores e teóricos do campo antropológico, onde se concentram seus estudos de doutorado (Antropologia Visual). Naturalmente, de maneira sugestiva, fui percebendo o quanto brotaram leituras dessa área no trabalho que ora escrevo, devido ao fato de muitos autores terem sido citados pelo professor nas conversas que desenvolvemos ao longo de meses. Encontrei outros pontos de convergência com a pesquisa sobre o grupo, tal como:

“Os empreendimentos de pesquisa do final do século XIX, associados a universidades e museus em formação, voltavam-se para a coleta de objetos, documentos, materiais diversos para formar acervos e coleções das principais instituições culturais ocidentais” (p. 98).

De alguma maneira, percebe-se uma experiência similar ao da experiência dada a esse grupo, porque, segundo seu coordenador, *“estamos produzindo materiais videográficos com a intenção de auxiliar os agentes sociais a compreender a complexidade de algumas áreas da cultura local, sobretudo, a que se relaciona às artes”*. Isto pode ser bem observado em obras audiovisuais produzidos no GEDoc, tais como, *Contramão: trajetória do maracatu cearense e Teatro da luz*. O primeiro filme tem uma proposta de registro de um desfile de blocos de maracatu¹³ na avenida, em pleno carnaval brasileiro. Uma tradição que já dura um século. Nele, é

¹³ “(...) Como o Dr. Jaci do Rego Barros houvesse feito referência ao maracatu (...) julguei de bom alvitre observar que aquela dança carnavalesca nos negros tomou o nome de vocábulo composto do nheengatu, maracá e tuba, correspondendo resumidamente, a muita viola ou muito chocalho. Um folclorista mal-avisado, ou descaçado de tais assuntos, se se deixasse guiar somente pela etiqueta túpica, seria bem capaz de asseverar que o maracatu é um bailado de silvícolas ou, pelo menos, de origem brasilíndia.(...)”

mostrado o asfalto da avenida, onde pés, saíões e armaduras de roupas desfilam por cima da pintura branca sobre o negro do chão asfáltico: uma seta que indica que o bloco anda na contramão da avenida. Em analogia, o vídeo perpassa a história de contradições que passou o maracatu em um século, através de depoimentos de pessoas ligadas a esse ritmo no Ceará. Assim, sociólogos, antropólogos, comunicadores, pesquisadores, brincantes e produtores, “discutem” o tema à luz de muita controvérsia. Esse parece ser um resultado bastante maduro na realização do grupo, posto que nele se observe um trabalho de corpo em quase todas as fases de realização: roteiro, fotografia e montagem. Talvez tenha havido uma organização antecipada a fim de captar o clima do filme etnográfico.

3. METODOLOGIA

Como também mostrada anteriormente, compõe a relevância desta investigação uma participação deste pesquisador no interior do objeto pesquisado, em que a subjetividade do pesquisador é inteiramente relevante para os resultados dos contatos com o objeto. Tendo em vista que participei do coletivo por dois anos, de forma natural percebi uma boa recepção daqueles antigos colegas, que me receberam com ânimo, me incentivaram, concederam entrevistas, entre outras facilidades que puderam ser percebidas. Em particular, consegui conversar com alguns membros do grupo, e também com a coordenadora do curso de Audiovisual e Novas Mídias, professora Ana Quezado, e o citado professor Valdo Siqueira, professor da disciplina de Documentário e coordenador do GEDoc.

Em encontros esporádicos com os dois, e mais os de periodicidade semanal que se davam em torno dos alunos do curso que integram o coletivo, desenvolvi os meios de observação. O traço mais evidente desta pesquisa é o fato de, metodologicamente, ser identificada como Pesquisa Participante. A ideia de participação em tais moldes, ao que parece, ainda é recente, se falarmos de um tempo de pesquisa a serviço do mundo científico. Vale observar que, embora sempre haja a participação do pesquisador, historicamente seu aparecimento era reduzido ao mínimo, como se ensina nos manuais. Em *Repensando a pesquisa participante*, livro organizado por Carlos Rodrigues Brandão¹⁴, há um artigo, em que se sugere que durante anos: “(...) *que entre quem pesquisa e quem é pesquisado não existia senão uma proximidade policiada entre o método (o sujeito dissolvido em dado)*”. (p. 7). E avança:

Maracatu, apócope de *maracatuba* (maracá-tyba), quer dizer muitos maracás, isto é, grande número de violas, guisos ou chocalhos. Resta ainda averiguar se foram os africanos que deram ao seu folguedo a denominação de maracatu, porquanto outras designações existem, aplicadas a divertimentos de negros, as quais não são da língua destes, mas lusitanas, como congada e dança de Moçambique. Por outro lado, cumpre considerar que o maracatu de agora não é o mesmo dos tempos coloniais. O primitivo era solene, como representação de cerimônia política ou religiosa (totêmica), evidentemente adulterada pelo muito que os africanos aprenderam, depois de reduzidos a cativo para a lavra do solo americano.” CASCUDO, Luis de Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Global, 2001, p. 486.

¹⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão (ORG). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Houve avanços importantes. Hoje em dia existe uma compreensão ampla de que, ainda que o coletivo da ciência social seja produzir explicações tão universais quanto possível, na verdade a pesquisa do outro em primeiro lugar serve para explicá-lo. Quando Malinowski desembarcou sozinho nas ilhas de Trobriand, não era apenas um método que ia ser reinventado ali; era uma atitude. Não mais reconstruir a explicação de sociedade e da cultura do outro através de fragmentos de relatos de viajantes e missionários. Ir conviver com o outro no seu mundo; aprender a sua língua; viver sua vida; pensar através de sua lógica; sentir com ele. (p. 11).

Assim, se a pesquisa é sentida como quando este “outro” ou grupo social está em convivência próxima, ocorre a incitação para que o pesquisador passe a participar da vida destes, de sua cultura. *“Então a observação participante, a entrevista livre e a história de vida se impõem”* (p. 13).

Segundo Clifford Gertz¹⁵ no capítulo 03 de *O saber local*:

(...) as formulações do problema foram descrições “na primeira pessoa” versus aquelas “na terceira pessoa”; teorias fenomenológicas versus objetivistas, ou “cognitivas” versus “comportamentais”; e, talvez mais comumente, análises “êmicas” versus análises éticas, estas últimas resultando de uma distinção linguística entre as classificações fonêmicas ou fonéticas dos sons, de acordo com suas propriedades acústicas propriamente ditas. A forma mais simples e direta de colocar a questão é, talvez, vê-la nos termos de uma distinção, formulada pelo psicanalista Heinz Kohut para seu próprio uso, entre o que ele chamou de conceitos de “experiência próxima” e “experiência distante”. (p. 61).

Nesse sentido, é extremamente relevante para minha pesquisa o fato de conseguir, como sujeito investigador, ver, sentir, pensar, imaginar, como se fosse um integrante do coletivo pesquisado. Isso é diferente de buscar ser um deles, bem compreendido.

¹⁵ GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997.

Do ponto de vista metodológico, também contribuem para meu trabalho os conceitos desenvolvidos por Jean-Claude Passeron¹⁶ em *O fraco uso das imagens - investigações sobre a recepção da pintura* (p. 286). Embora não tenha qualquer ligação com a pintura mencionada no título, meu trabalho se apropria de conceitos metodológicos desenvolvidos por este autor a fim de perceber como se dá a recepção dos meios culturais imagéticos advindos da realização documental através do grupo de estudo. Conceitos como “teoria da recepção” e “estética da recepção”, referindo-se especificamente às imagens, parece ser distinto do texto, quando se recebe. “O ícone não é signo; devem-se tirar todas as consequências metodológicas desta especificidade” (p. 288). Segundo Passeron, diferente daquilo que acontece na recepção textual, a imagem é semioticamente irreduzível à mensagem que transmite.

De alguma forma, em contato com o GEDoc acerca de seus métodos de trabalho, posso remeter-me ao método difundido por Jean Rouch de uma “antropologia compartilhada”. Levando em conta que o grupo utiliza de captações vivas, com pessoas que instrumentalizam os filmes, tais como os depoentes dos documentários, faz o maior sentido considerar este tipo de pesquisa como o que utiliza o método de constituição de histórias de uma comunidade ou de uma etnografia específica, a troca ou compartilhamento de sensações e percepções entre integrantes da equipe de filmagem e os que ficam à frente da câmera, o que reconstitui e ressignifica a narrativa, tanto pode utilizar-se da memória, como da recepção de personagens, no âmbito daquilo que o gênio Jean Rouch enxergou como compartilhamento. Assim, vemos a câmera que “narra” os passos de um alguém, que a seu modo apresenta um assunto, para logo em seguida, a voz em *off* desse personagem complementar aquilo o que fala antes, “falar o que está faltando”. Isso vemos em alguns trabalhos do grupo, tais como, no vídeo *Teatro da luz e Gilson Break*. Ou seja, há trabalhos presentes no grupo que contém uma imagética de observação do cotidiano, de forma um pouco mais contida, silenciosa, até mesmo orgânica, para depois adotar uma atitude de interferência, como Rouch fazia.

Siqueira admite a “influência” de um *cinema vérité*, um tanto mais do cinema de Robert Drew, classificado pelo próprio jornalista americano como “cinema direto”, contemporâneo de Rouch, de nacionalidade diversa. Mas destaca: há muito cinema direto, há muito *cinema vérité*. Parece estar apontando a necessidade de se ter cuidado com a repetição desses métodos, estar atento às variações e renovações dessas propostas. Por isso, segundo ele, o GEDoc tem o dever de ser eternamente novo, de incorporar menos fórmulas da tradição documental e estar se reinventando constantemente. Esse fato exige um esforço de avaliação interna, compartilhado entre seus integrantes. Ele cita também a necessidade de obedecer-se a algumas convenções de montagem para que os vídeos produzidos pelo grupo tenham uma certa unidade. Diz sobre a

¹⁶ PASSERON, Jean Claude. *O raciocínio sociológico - o espaço não popperiano do raciocínio natural*. Tradução Beatriz Sidou. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

“regra de seis de Walter Murch”¹⁷, enumerado entre emoção, enredo, ritmo, alvo de imagem, plano bidimensional da tela e espaço tridimensional da ação.

4. ENCAMINHAMENTOS

Procedendo a análise dos materiais editados pelo grupo, pude fazer um estudo de recepção. Muitos filmes foram analisados. Sabemos que realizadores de documentário normalmente se filiam a estilos, períodos e movimentos, conforme suas necessidades e especificidade. Como professa Bill Nichols¹⁸ em *Introdução ao documentário* (p. 62), os modos de realização documental se diferenciam das outras formas variadas de filme. Muito dessa distinção se circunscreve em torno de movimentos que gera princípios e fundamentos, bem como seus objetivos. Neste sentido, o que podemos perceber na análise dos vídeos gerados no interior do Grupo de Estudos de Documentário - GEDoc, está bem definido no relato de Nichols sobre esses modos discriminados.

Entre eles, destacam-se os expositivos, observativos, participativos e os poéticos. Os vídeos gerados na primeira fase do grupo tentam descrever, de forma demasiada, o ambiente em que se encontra o personagem a ser abordado, as peculiaridades do trabalho, entre outros detalhes, o que nos soa muito próximo do modo expositivo (p.62). Ao evoluir da história do grupo, renova-se a proposta modal, migrando para um patamar mais próximo de um cinema documental observativo, aproximando-o da antropologia e da etnografia, porquanto gera um “*engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta*”. Esse trabalho, *Contramão: trajetória do maracatu no Ceará*, tem um traço de união do modo observativo com o poético, visto que se esmera a apresentar os temas relativos ao maracatu mostrando algo a mais que os depoentes como autoridades etnográficas, levando a câmera para o chão da avenida em que a dança dramática percorre o desfile de carnaval.

Há espasmos de poesia em alguns vídeos, o que fica mais claro no ensaio poético sobre o teatro no Ceará, *Teatro da luz*, em que a câmera é claramente mais ligada à estética fotográfica, segundo os próprios alunos integrantes do coletivo. A fotografia percorre em desfoque as cabeças (nucas) de pessoas do público que assistem a uma peça de teatro de rua. Os atores em cena também ficam em desfoque, sem necessariamente serem mostrados por inteiro. Tais fragmentos ganham tintas de elementos associativos visuais, “*qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal*”, o que certamente eleva esse tipo de ensaio a uma posição experimental. Portanto, o lado experimental disposto nesses vídeos é explorado em consonância

¹⁷ MURCH, Walter. *Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre*. Tradução: Juliana Lins. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.

¹⁸ NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Tradução: Monica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.

com o coletivo, ou seja, diferente do olhar imprevisto, opta pela escolha estética antes que o evento ou acidente ocorra, fidelizando-se a esta. Contudo, não deixamos de ver comentários e argumentos que conduzem a narrativa pela oralidade, o que resvala no documentário de uma tradição televisiva.

A questão relacionada à voz do documentário, conforme trata Nichols (p. 78), ainda está muito ligada à transmissão feitas através de palavras, sejam escritas ou faladas. A utilização de personagens que necessariamente estão falando ou comunicando através da narrativa oral, é a tônica mais frequente nesse tipo de realização. Ainda que as retóricas pareçam imparciais, naturalmente, há a parcialidade do indivíduo que comenta, o que ajuda a criar uma estrada para onde converge o olhar do espectador, conduzindo a narrativa. Nichols diz que esse efeito *“corresponde menos a ‘veja isto desta forma’ do que ‘veja por si mesmo”*. Muitas vezes, a voz do entrevistado é também a defesa de seus ideais, coincidentes com a voz do cineasta, no caso, cineastas. Embora os vídeos do GEDoc não contenham menor apelo emocional, é percebida uma defesa de conceitos e princípios do grupo, como, por exemplo, maior espaço para a discussão artística, mais inserção de autores nos espaços da cidade considerados públicos, liberdade de criação para as artes, entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o estudo de recepção realizado no decorrer do período deste trabalho dissertativo, brotaram destes estudos algumas reflexões que me soam oportunas, à guisa de conclusão. Parece-me que o processo de desenvolvimento da instituição do grupo de estudo, que nos serviu de objeto para o trabalho, acontece em constante renovação. Dito isso, estas reflexões lançadas tornam-se pertencentes a este momento particular da pesquisa, visto que, se ocorressem daqui a alguns meses, já teria que ser renovada. O desenvolvimento obedece aos conformes educativos de um curso teórico-prático no âmbito acadêmico da Universidade de Fortaleza e, por isso, carrega boa parte de suas propostas, de ensino, pesquisa e extensão. *Pari passu* com este desenvolvimento, há a requisição constante por parte dos órgãos que gestam a instituição de ensino e sua coordenação, de relatórios de atividade e de presença mensais. Esse fato pode configurar uma restrição de autonomia, sobretudo, em relação ao valor de exposição das obras finalizadas.

No que toca às temáticas desenvolvidas em seus vídeos, há total liberdade do coletivo para escolher, selecionar e arbitrar seus assuntos de preferência. A determinação de escolha de temas locais, e mais, ligados ao ambiente artístico e cultural da região, nos parece muito acertada. Evocando a máxima atribuída ao escritor russo Leon Tolstoi (1828-1910), *“se queres ser universal, começa por pintar tua aldeia”*, penso ser muito apropriada a escolha por temas que tocam a localidade, havendo circunscrição do âmbito da pesquisa. Porém, o que se percebe é que ao situá-la nesse período, quase duas décadas depois do surgimento e da propagação do

fenômeno da globalização, o processo de socialização de conhecimento mostra-se tangencial, como declara Néstor Garcia Canclini, em vez de circular. A crítica de Canclini se estende aos países que comumente se determinam a fazer seus produtos e bens circularem, e não recebem da mesma forma os que venham de outras regiões. Assim, as diferenças culturais originadas pela disparidade de visões entre as geografias políticas, não permitem que haja paridade de emissão de bens culturais, sendo este um dos fatores que inviabiliza as relações de equidade e igualdade entre as regiões. Os temas desenvolvidos nos vídeos documentários do Grupo de Estudo de Documentário - GEDoc, nem sempre ganham assistência de públicos e instituições. A difusão dos produtos culturais corre contrário à da socialização dos meios de produção, ou seja, enquanto há um incrível processo de democratização dos meios, tais como, equipamentos e técnica para a produção de peças audiovisuais, há, por outro lado, um empecilho desmedido à circulação desses bens. Não me refiro unicamente a transações financeiras, posto que esta não seja a finalidade do grupo, mas aos valores de exibição e de troca desses produtos, para citar Walter Benjamin. O interesse pelo material globalizado se torna homogêneo, conceitualmente e esteticamente, o que acaba por produzir um “gosto” geral nas pessoas, desfazendo as diferenças ou pelo menos as minimizando. Com o compartilhamento de dados eletrônicos pela internet, esse fato deveria existir em menor grau, bastando, para isso, que os geradores de conteúdo fossem instantaneamente depositando os bens culturais no ambiente de rede. Isso não é feito pelo coletivo, o que torna seus produtos culturais não consumidos globalmente, tampouco por outros produtores locais. Há enorme restrição de circulação desses bens, devido à política falha de organização de distribuição, ou mesmo um total descompromisso com a socialização destes bens culturais (vídeos documentários).

Acentua-se também, a meu ver, a escolha acertada dos gestores desse grupo por temas locais. Vivemos um tempo em que muito se fala em uma crise de identidade do sujeito, como defende Stuart Hall. Esse autor destacava em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*¹⁹, que diferente da sociedade moderna, com uma identidade bem definida, a pós-modernidade (ou contemporaneidade) estabelece fronteiras bem menos marcadas, o que acaba por provocar nas “sociedades dos indivíduos” de Norbert Elias, uma grave crise de identidade. Nesse sentido, a escolha de temas locais pelo grupo nos parece muito lúcida, posto que vai na contramão do processo global de destruição de características identitárias locais. “*No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural*”, diz Hall (p. 47). Embora essa identidade não esteja “impressa” em nossos genes, continuamos a pensar nelas como parte de nossa “natureza essencial”. A ideia de natureza e de essência está muito presente nos trabalhos desse coletivo, se pensarmos que esses elementos estão presentes no interior da imagem e do som representados nos trabalhos

¹⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 7ª Ed., 2003.

documentais, produzindo sentidos às experiências sociais locais, ainda que restrita a pequeno público. Esse pensamento vai de encontro à ideia de uma cultura homogênea, defendida pelo contexto atual em tempos de globalização. Só por isto, já tem grande validade o trabalho do grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e publicações

ARTIS, Anthony Q. *Silêncio: Filmando!: um guia para documentários com qualquer orçamento, qualquer câmera e qualquer hora*. Tradutor Marcos Vieira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BERNARD, Sheila Curran. *Documentário: Técnicas para uma produção de alto impacto*. Tradução Saulo Kriger. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BOUDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern, Guilherme J.F Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2ª ed. rev., 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASCUDO, Luis de Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Global, 2001.

CAVALCANTI, Alberto. *Filme e Realidade*. Rio de Janeiro: Artenova/Embrafilme, 1976.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *A globalização imaginada*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução Vera Mello Joscelyne. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 13ª ed., 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 7ª ed., 2003.

HOLANDA, Karla. *Documentário nordestino: Mapeamento, história e análise*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

LABAKI, Amir. *Introdução ao documentário brasileiro*. São Paulo: Francis, 2006.

LABAKI, Amir; MOURÃO, Maria Dora (Orgs). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac e Naif, 2005.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia - *Filmar o real - sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MANLINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Tradução José Auto. Revisão Rosa Martia ribeiro da Silva e Moacir G. S. Palmeira. Rio de Janeiro: Zahar.

MOLETTA, A. *Criação de curta-metragem em vídeo digital: Uma proposta para produção de baixo custo*. São Paulo: Editora Summus, 2009.

MURCH, Walter. *Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre*. Tradução Juliana Lins. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Tradução Monica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PASSERON, Jean Claude. *O raciocínio sociológico - o espaço não popperiano do raciocínio natural*. Tradução Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995.

PELIZZARI, Lorenzo; VALENTINETTI, Cláudio M. "*Alberto Cavalcanti*". São Paulo: Série Ponto de Brasil, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, Festival internacional do film Locarno, 1ª ed., 1995.

PUCCHINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*. Campinas: Papirus, 2009.

RABIGER, Michael. *Direção de Documentário*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). *Documentário no Brasil - tradição e transformação*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

Filmografia

BERLINER, Roberto, 2004, *A pessoa é para o que nasce*, Brasil, 85'

CARVALHO, Walter, 2012, *Raul - O Início, o Fim e o Meio*, Brasil, 120'

COUTINHO, Eduardo, 1984, *Cabra marcado pra morrer*, Brasil, 119'

COUTINHO, Eduardo, 2001. *Babilônia 2000*, Brasil, 80'

COUTINHO, Eduardo, 2002, *Edifício Master*, Brasil, 110'

COUTINHO, Eduardo, 2004, *Peões*, Brasil, 2004, 85'

COUTINHO, Eduardo, 2005, *O fim e o princípio*, Brasil, 109'

COUTINHO, Eduardo, 2007, *Jogo de cena*, Brasil, 100'

DREW, Robert, 1963, *Crisis: Behind a Presidential Commitment*. EUA, 52'

DREW, Robert 1960, *Primárias*, EUA, 60'

FERREIRA, Lírio, *O homem que engarrafava nuvens*, 2009, Brasil, 106'

FORMAGINI, Beth, 2009, *Aptº 608 – Coutinho.doc*, Brasil, 51'

FURTADO, Jorge, 1989, *Ilha das Flores*, 1989, Brasil, 13'

JARDIM, João; CARVALHO, Walter, 2001, *Janela da alma*, Brasil, 73'

MAYSLES, Albert; MAYSLES, David; MEYER, Muffie; HOVD, Ellen, 1975, *Grey Gardens*, EUA, 100'

MOREIRA SALLES, João 2007, *Santiago*, Brasil, 80'

MOREIRA SALLES, João, 2004, *Entreatos*, 2004, Brasil, 117'

MORIN, Edgar; ROUCH, 1961, *Crônicas de Verão*, França, 85'

NORONHA, Linduarte, 1960, *Aruanda*, Brasil, 1960, 22'

PADILHA, José, 2002, *Ônibus 174*. Brasil, 159'

PRADO, Marcos, 2005, *Estamita*, Brasil, 121'

SACRAMENTO, Paulo, 2003, *O Prisioneiro da grade de ferro*, Brasil, 124'

SENNA, Orlando; Bodanski, Jorge, 1974, *Iracema - uma transa amazônica*, Brasil, 95'

SULZBACH, Liliana, *O cárcere e a rua*, Brasil, 2004, 80'

VASCONCELOS DE CARVALHO, Ruy, 2007, *Uma encruzilhada chamada aprazível*. Brasil, 53'

VERAS, Alexandre, 2006, *Vilas Volantes: O verbo contra o vento* Brasil, 52'

WALKER, Lucy; HAREY, Karen, 2010, *Lixo Extraordinário*, Brasil, 99'

WENDERS, Wim, 1999, *Buena Vista Social Club*, EUA/Brasil/Alemanha/Cuba/Reino Unido/França, 105'

ANEXOS

Anexo 01

O desenvolvimento de um projeto ou estágio profissional é fundamental para o fechamento de ciclo deste curso, e a forma que se enquadra melhor em minhas possibilidades e conhecimento é de fato na área prática, no caso o estágio profissional, com a possibilidade de vivenciar e desenvolver um relatório, com a possibilidade de fazê-lo em uma universidade brasileira que oferece o curso nas áreas afins deste mestrado, como Audiovisual, Artes Visuais e Teatro, e tem em suas matrizes de práticas extracurriculares e atividades de extensão, a Divisão de Arte e Cultura e a TvUnifor.

Com o crescimento do cinema cearense de forma vertiginosa nos últimos dez anos, e com o aquecimento financeiro do país, o apoio para as artes oferecidas pelo Estado e iniciativa privada, incentivaram a busca de conhecimento na área, criando assim, a necessidade da abertura de novos cursos universitários na área do cinema e audiovisual, principalmente na região do nordeste brasileiro, onde esse conhecimento até então era negligenciado.

O curso de Audiovisual da Universidade de Fortaleza teve início em 2008 e conta com vários grupos de estudos e realização que desenvolvem curtas-metragens, clipes, programas de televisão, além de documentários para *web*, tv e cinema, onde posso desenvolver essa atividade no Grupo de Estudos em Documentário (GEDoc) espaço que visa a pesquisa e expansão do cinema documental, concentrando suas realizações no imaginário e cultura cearenses. O Grupo, orientado pelo professor Edvaldo Siqueira, realizador audiovisual e professor da Universidade de Fortaleza, tem como base inicializar o processo crítico-teórico em documentário, aliado às práticas de realização que se dá junto ao processo da evolução crítica dos jovens pesquisadores-realizadores.

Passo a descrever nas próximas páginas sobre a instituição de ensino superior Universidade de Fortaleza (UNIFOR), o curso de graduação em Audiovisual e do Grupo de Estudos em Documentário (GEDoc).

Fundação Edson Queiroz Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

A Universidade de Fortaleza que tem como mantenedora a Fundação Edson Queiroz, dividida em quatro grandes centros: Ciências da Saúde, Ciências Jurídicas, Ciências de Comunicação e Gestão e Ciências Tecnológicas, com 29 cursos de graduação, nove de graduação tecnológica executiva, cinco de mestrado e seis de Doutorado. A população atual do corpo discente é de 25 mil alunos, o corpo docente altamente qualificado, composto de 1.200 professores, com mais de 80% de mestres e doutores, responsável pela supervisão de centenas de projetos de pesquisa no domínio científico, tecnológico, artístico e cultural.

A Unifor tem como missão contribuir para a realização de ideais e sonhos, formando profissionais de excelência, mantendo o compromisso com o desenvolvimento socioambiental, científico e cultural.

Valores que compreendem esse compromisso:

- Respeito ao homem e à sua diversidade, aos princípios democráticos e aos direitos humanos.
- Responsabilidade social e ambiental.
- Compreensão do ser humano como centro do processo educativo.
- Contribuição com as transformações científicas, econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas.
- Compromisso com a ética, a arte e a estética.

A universidade está instalada em um *campus* de 720 mil metros quadrados, onde se encontra uma megaestrutura com cerca de 300 salas de aula e mais de 230 laboratórios especializados. O espaço também é composto por auditórios, salas de vídeo, biblioteca, centro de convivência, núcleo de atenção médica, clínica odontológica, parque desportivo, teatro, centro cultural, escritório para a prática jurídica, empresas juniores, TV universitária, escola de ensino infantil e fundamental e diversos outros núcleos de prática acadêmica e pesquisa.

Atividades da Vice-Reitoria de Extensão de Interesse ao Estágio Profissional

Divisão de Arte e Cultura

O setor reúne as atividades desenvolvidas pelos Grupos de Arte da Instituição, compostos pela Camerata, Coral, Companhia de Dança e Grupo Mirante de Teatro, além de coordenar as exposições e mostras de arte da Universidade. Todos os grupos contam com a participação de membros da comunidade acadêmica da Unifor (alunos, professores ou funcionários) e aceitam o ingresso de novos componentes que tenham habilidades técnicas e artísticas, conforme a especificação de cada grupo. A Orquestra, composta por 13 músicos, recepciona os diversos eventos da Universidade, ao som de violinos, viola, violoncelo, flauta doce, flauta transversa, clarinete, sax, piano. Já o Coral é constituído por 50 componentes, que interpretam peças musicais no estilo capela. A Companhia de Dança possui 16 bailarinas com base em dança clássica e moderna, que desenvolvem coreografias nos dois estilos e também números temáticos que enchem de brilho as criativas apresentações da Companhia. No Grupo Mirante de Teatro, os atores desenvolvem trabalhos em peças no estilo tradicional e no chamado teatro de rua. Nas exposições promovidas pela instituição, o público confere o talento de representantes das artes plásticas cearense, brasileira e até mesmo mundial. Artistas

conceituados expõem nos espaços, cuidadosamente preparados, e seus diferentes estilos de trabalhos, enriquecem o repertório cultural do campus e da cidade.

A TV Unifor é um investimento do curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza. Com transmissão no Canal Universitário 14, da TV por assinatura NET, leva ao ar os trabalhos acadêmicos produzidos pelos próprios alunos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Audiovisual e Novas Mídias, além do programa institucional da Universidade, o Canal Unifor. Implantada em agosto de 2005, a TV exibe sua programação em dias alternados, dividida entre os programas Revista Eletrônica Panorama, Mostra de Ideias, Arte.doc (documentários sobre artistas plásticos cearenses, orientado por professores de Jornalismo), Palavreado, Diálogos Políticos, Unifor.doc (programa orientado pelo professor Edvaldo Siqueira e produzido por alunos realizadores de documentário e participantes do coletivo GEDoc), TV Unifor Esporte e Canal Unifor. A programação da TVU também inclui videopoemas, interprogramas, documentários (realizações do GEDoc e alunos da comunicação em geral) e informações sobre a grade curricular dos cursos ofertados pela Universidade de Fortaleza. A programação é exibida na TV Assembleia, no Canal 30 UHF, às terças-feiras, das 18h às 19h, com reprise aos sábados no mesmo horário, e na TV Diário, canal 22, nas madrugadas de segunda à sexta-feira, de 1h à 2h. A TV Unifor contribui com a missão da Universidade ao promover a produção e a difusão do conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão. E assim torna-se também berço dos futuros editores e âncoras da televisão brasileira e local.

Cursos de área em comum ao Mestrado/DAI/ESMAE

O curso de Audiovisual e Novas Mídias da Unifor foi estruturado em três eixos de conhecimentos, saberes e práticas: núcleo de estudos em audiovisual, núcleo de estudos integrados em Comunicação Social e núcleo de estudos teórico prático. Dentro desse contexto, dialoga constantemente com outros cursos do campo da Comunicação Social: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Belas Artes (Artes Visuais e Teatro) que compartilha o mesmo centro (Ciências de Comunicação e Gestão) Atualmente o curso de Audiovisual e Novas Mídias tem 210 alunos matriculados e 4 turmas formada até 2013.1.

A missão do curso de Audiovisual é formar bacharéis em Audiovisual e Novas Mídias, com conteúdo tecnológico, teórico e prático, para atuar no campo e nas mídias digitais, de maneira integrada, capazes de criar e gerenciar serviços e produtos em diferentes gêneros e formatos, com competência crítica para avaliar as implicações éticas, políticas e estéticas de seu trabalho.

O curso leva o aluno a desenvolver trabalhos em filmes e vídeos, utilizando tecnologias digitais na produção dos conteúdos, criando roteiros e narrativas lineares ou não lineares, em um processo de grande criatividade artística. É uma formação que se apresenta

como estratégica do ponto de vista econômico, capaz de promover a inserção social das culturas locais no mundo globalizado. O curso conta com grupos de estudos e criação para desenvolvimentos de projetos de curtas-metragens, clipes, programas de tv e documentários, onde se destaca o *GEDoc* (Grupo de Estudos em Documentário).

O mercado de trabalho do profissional de audiovisual e novas mídias no estado do Ceará compreende, principalmente, as produtoras e emissoras de televisão e as produtoras de filmes publicitários locais e regionais. Esse mercado apresenta um potencial significativo para ser desenvolvido. A implantação da televisão digital no Brasil prevê a ampliação da participação das produções brasileiras em emissoras, assim como maior abertura do setor para as produções independentes. Assim, uma das vocações do curso é estimular o empreendedorismo de seus estudantes.

O egresso do curso de Audiovisual e Novas Mídias será capaz de atuar nas áreas de produção, direção geral, direção de arte, direção de fotografia, elaboração de argumentos e roteiros, montagem e edição, animação, continuidade, sonorização, finalização de filmes e vídeos, bem como interagir com as diversas áreas da criação e divulgação audiovisual, como cinema, televisão, rádio, artes performáticas e novas mídias. Ele poderá atuar em espaços de produção audiovisual como programas de TV, VTs publicitários, TV digital, produção, documentários, fotografia e iluminação, cinema, narrativas midiáticas, dramaturgia e roteiro, jogos eletrônicos, *design* virtual, *webmídia*, animação e infografia.

GEDoc (Grupo de Estudo em Documentários)

Como diz em seu nome, *GEDoc* é um grupo que estuda documentários. Funciona como instância de pesquisa no interior do curso de Audiovisual e Novas Mídias da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Foi criado em 2010, pelo professor Valdo Siqueira, realizador, documentarista e ministrante da disciplina de Documentário e orientador do *GEDoc*. Tendo em vista a observação de que é crescente o interesse de alunos pela produção de documentários, bem como, de que o conhecimento sobre esse gênero fílmico, e a cada dia mais sistematizado por teóricos e realizadores, o Grupo surgiu para buscar, estudar, realizar e refletir sobre as mais variadas formas do fazer documental.

Sua missão, enquanto esfera de pesquisa acadêmica, é oferecer condições para o estudo temático, buscando conhecer suas variáveis de realização ao longo da História. Assim, alunos, ex-alunos, professores e realizadores, podem conhecer e partilhar experiências sobre o fazer documental no estado do Ceará. O Grupo também objetiva a realização documental como prática semestral, optando por conhecimentos transversais ao universo das artes, na escolha dos temas de seus filmes e vídeos.

O *GEDoc* e seus atores sociais perceberam que é fundamental promover a difusão do fazer documental no âmbito local e nacional, visando, tanto conhecer e discutir as problemáticas

pertinentes ao realizador, como ao mundo que os cerca, sobretudo, no que se relaciona à cultura e às artes. A ideia é a de ampliar o debate sobre temáticas correlacionadas ao fazer documental, e questionar temas ligados aos dois setores da vida cotidiana locais. Nesse sentido, busca-se promover o enquadramento de temas como: artes plásticas, ecologia, dança, música, arquitetura, teatro, entre outros, a partir do ponto de vista do público atendido. Desse ponto, decorre uma produção frequente de peças de cunho documental que abordam temas ligados às áreas supracitadas. Tal movimento tem conseguido despertar a discussão em muitos fóruns especializados, tanto quanto nos que se identificam com os temas escolhidos pelos realizadores. Essas peças documentais, portanto, se fazem circular, via mostras e festivais de documentários e *internet*, como também pelo meio de promoção de debates em que o tema discutido está relacionado ao documentário produzido pelos integrantes do GEDoc.

Foram realizados vários documentários, de 2010 até 2013, dentre os quais, *Do branco e Diálogos* (sobre artes plásticas); *Contramão: trajetória do maracatu cearense* (dança, música e cultura popular); *Prazer, sou breack* (em torno do dançarino Gilson Break); *Um teatro vivo* (vivências de atores no espaço teatral do Ceará); *Luiz Gonzaga e Raimundo Fagner - o encontro* (a cerca de dois artistas da música popular do nordeste brasileiro). Como se percebe, há uma preocupação em buscar temas que se filiam ao vídeo etnográfico.

Os encontros de estudos semanais, acontecem às quartas-feiras, de 17h às 19h. e as gravações são feitas geralmente nos fins de semanas. Atualmente, 14 alunos são integrantes do coletivo GEDoc. O desenvolvimento dos trabalhos de realização é amadurecido de forma que resultem em publicações.

Ensino, Pesquisa e Extensão

O Grupo enquanto instância de estudo, encontra-se em um período embrionário para o desenvolvimento de suas aptidões. Portanto, tem consciência de que levará alguns anos para adquirir experiência suficiente e chegar ao nível idealizado. Quando falamos sobre sua idealização, lembramos que o grupo se insere numa pesquisa mais ampla, referente a todo o curso de Audiovisual e Novas Mídias. Tem por este, portanto, uma relação de apoio, que busca explicitar os sentidos pedagógicos em que se ampara. Como o tripé educacional se compreende a partir da ideia de ensino, pesquisa e extensão, o GEDoc procura seguir a lógica subjacente a essas premissas. No que concerne ao ensino, de forma natural, tem seus conteúdos associados aos de sala de aula, sendo muito frequente que os conhecimentos estudados sejam ampliados de outros setores da vida acadêmica, entre eles, a sala de aula. Quanto à pesquisa, se localiza no ponto de gravidade do Grupo, visto que brota dela a maior parte dos trabalhos dos alunos, cuja sociabilidade pressupõe a distribuição de bens e serviços de circulação específica: o mercado de documentário. Ao mesmo tempo em que promove também a extensão, evoca comunidades

externas à universidade a participar de seus vídeos, vistas como matrizes simbólicas de suas atividades práticas, ou meramente como agentes sociais que compõem os espaços onde são feitos os vídeos pelo Grupo. Neste sentido, há sempre um retorno dos realizadores ao campo, com o produto concreto finalizado, pronto para exibição.

Estágio Profissional Supervisionado

Eu, Pedro Firmiano, como oriundo da formação universitária dessa instituição de ensino superior (Unifor), no curso de Audiovisual e Novas Mídias, bem como ex-integrante do GEDoc, devolvo atividades de pesquisa e realização no interior do coletivo, posto que conheço bem seus meandros e realizações. Posso, dessa forma, desenvolver pesquisas novas e anteriores à minha entrada como estagiário, dentre as quais, a pesquisa sobre o encontro histórico entre os artistas Luís Gonzaga e Raimundo Fagner (que se encontra no início, e tem o título provisório *Luis e Raimundo*), bem como temáticas elaboradas pelo grupo que sejam interessantes para meu projeto de estágio e para o GEDoc, contribuindo para o ciclo de estágio profissional pelo Mestrado em Comunicação Audiovisual - Cinema Documental da ESMAE-IPP.

Minha participação do ponto de vista presencial, é em todas as reuniões do grupo que acontecem às quartas-feiras, e em todos os dias que destinados à captação de imagens e sons, geralmente feitas no final de semana, durante a fase de edição e finalização dos documentários.

As reuniões semanais do grupo tem como finalidade a produção contínua do documentário, assim como as pesquisas e estudos das formas de realização do tema proposto. Um componente de formação, onde alunos iniciantes tem tutorias de cunho operacional, participa dos encontros. Como o coletivo conta com a participação de 14 estudantes, a fase de pré-produção para o próximo tema é feita com o grupo específico responsável ainda durante a finalização do documentário anterior, e atualmente a pesquisa para produção de um documentário (sem título ainda) sobre artistas da noite na cidade de Fortaleza, se torna uma nova possibilidade para o próximo projeto a ser realizado pelo GEDoc. No momento são finalizadas as gravações do documentário *Do teatro da luz* (sobre o teatro no Ceará).

O relatório de estágio é desenvolvido de forma descritiva e reflexiva, com finalidade de perceber a atuação e formação do grupo, expondo suas atividades nas fases de pré-produção, realização e edição, abordando de forma reflexiva as temáticas envolvidas e suas formas de desenvolvimento e organização. No estágio conto com o apoio dos coorientadores da parceria Unifor/IPP, o professor Valdo Siqueira e a coordenadora Ana Quezado. A participação como estagiário no GEDoc também é desenvolvida de forma ativa, possibilitando assim uma troca de aprendizado com os graduandos em audiovisual, e somando para o intercâmbio de conhecimento entre as duas Instituições de Ensino Superior (Unifor/IPP), pois conto com meu orientador, professor Jorge Campos, que ao me orientar, é uma forma de desenvolver reflexões sobre o que

está sendo realizado no grupo, estando sempre em contato comigo e meu coorientador através de *e-mail* e videoconferência, e analisando mensalmente o relatório desenvolvido.

O acompanhamento para esse relatório é de fundamental importância, partindo do princípio que é desdobrado em outro país, com datas semanais para agilizar e formalizar o processo de orientação com o professor Jorge Campos. Quinzenalmente, é mantido contato entre o orientando e o orientador através da *internet*, relatando o estágio e o desenvolvimento do relatório mensal, e uma reunião mensal via videoconferência. Já o contato do coorientado com orientador é realizado mensalmente também por *e-mail*, e bimestralmente via videoconferência, quando ocorre atualizações sobre as formalizações do processo de estágio interinstitucional. O acompanhamento presencial no *GEDoc* é feito pelo coorientador, relativo às reuniões semanais às quartas-feiras, às reuniões extraordinárias, à fase de realização (captação de imagens e sons) que geralmente acontecem nos finais de semanas, e à fase de edição e finalização que acontece durante a semana, de acordo com o andamento do projeto, no Laboratório de Audiovisual da Unifor (Labomídia). As únicas datas fechadas do *GEDoc*, são as quartas-feiras, com as reuniões do grupo para formação (capacitação) e pesquisa (pré-produção). As datas de realização, apesar serem geralmente nos finais de semanas, são datas abertas, pois depende de agendamento com personagens, e a fase de edição se inicia quando o processo de captação estiver encerrado. No caso existe uma ilha de edição destinada exclusivamente para o *GEDoc*, podendo ocorrer, assim, atividades durante os dias úteis.

O cronograma que segue trata de formalizar as datas de reuniões presenciais do meu estágio, no caso às quartas-feiras. As previsões de dias presenciais para captação, como dito anteriormente, geralmente são realizadas nos finais de semana, com datas de edições (em aberto), o que igualmente ocorre com as datas de contato via *e-mail* e videoconferência do orientando-orientador, e orientador-coorientador. Em anexo, os endereços eletrônicos dos professores Valdo Siqueira e Ana Quezado.

Anexo 02

Relatório

No final do semestre de 2013 o *GeDoc* encontrava-se em meio a processos de realização e pesquisa de três documentários: um sobre teatro cearense, outro sobre a literatura de cordel, e o terceiro em processo inicial sobre o encontro do cantor Raimundo Fagner com Luiz Gonzaga na gravação de um disco, este trabalhado a partir de imagens de arquivos.

O Grupo segue sua mesma rotina desde sua criação em 2010, com reuniões presenciais às quartas-feiras, à tarde, no Laboratório de Audiovisual e Novas Mídias (Labomídia) da Universidade Fortaleza (UNIFOR), realizando gravações principalmente aos sábados e domingos, com o propósito de não chocar com horários de aulas, uma vez que o grupo é

composto por alunos em fase inicial de formação acadêmica. Nesses primeiros momentos do meu retorno ao Brasil e ao GEDoc, percebi que quase todo grupo do ano de 2011 estava reformulado, com a exceção do orientador Valdo Siqueira, e de uma aluna que participa desde a criação, o que demonstra mudanças semestrais de integrantes no seu coletivo, recebendo desde estudantes veteranos a uma maioria de novatos com interesse em participar da linguagem audiovisual.

Existem outros grupos de estudos do curso de Audiovisual e Novas Mídias da Unifor, como Grupo de Criação Programas de Televisão (Gcria) e Grupos de Estudos de Videoclipes (Gclipe), e o GEDoc, que no caso é procurado por alunos mais interessados em cinema e pela cultura local, tendo em vista que os temas dos documentários são ligados a cultura cearense. Observei, criticamente, que em todos os grupos é dada a prioridade para a realização dos vídeos e filmes, característica que vem da necessidade de suprir os anseios dos estudantes na fase inicial de sua formação, o que na universidade se dá de forma analítica. O encontro nos grupos é a maneira de entrar em contato com a parte prática da realização audiovisual, logo no início da faculdade. No começo da criação, o pré-requisito era ser estudante a partir do terceiro semestre de audiovisual, e hoje é aberto também para alunos recém ingressos no curso, levando em conta a procura e ansiedade dos jovens para conhecer sua área de formação, o que explica a aceitação dos novatos. O aspecto principal dos grupos é a busca pelo aprender a fazer “fazendo”, e muitos têm o desejo de manusear os equipamentos, uma oportunidade única para quem está apenas iniciando seus conhecimentos na área.

Como participante na fase de implementação, e sabendo da realidade de suas produções, percebo que se faz necessário o “fazer” com esses jovens aprendizes, pois além do trabalho de forma voluntária, a energia e a vontade de aprender surpreendem no final. Em contrapartida, recebem uma formação prática, e alguns continuam fiel ao grupo de acordo com suas possibilidades, para outros é uma forma de entrada nas produções audiovisuais e buscam outros caminhos na televisão universitária (TVUnifor), que já conta com bolsas, ou em produtoras que ofereçam estágio, facilitando a vida acadêmica com a oferta um suporte financeiro mínimo.

O momento que formalmente que eu iniciaria o estágio aqui no Brasil a partir do dia 31/10/2013, já era esperado uma dificuldade, pois em novembro se iniciaria o processo final de avaliação do semestre, e a conclusão dos projetos, dificultando, dessa forma, o envolvimento dos alunos no grupo. No mês de novembro de 2013 ainda tivemos três reuniões, apesar de a evasão tomar conta das atividades naquele período. Foram realizadas três entrevistas para o documentário sobre a literatura de cordel, com o sociólogo Oswald Barroso, o pesquisador Gilmar de Carvalho e com escritor e professor Batista de Lima, intelectuais renomados do estado do Ceará. O documentário sobre o teatro cearense estava em fase final, faltava àquela altura coletar mais uma cena e iniciar a edição. Quanto ao filme sobre a literatura de cordel, tínhamos de captar mais uma sonora com um famoso cordelista Klevisson Viana, e realizar imagens em Juazeiro do Norte, com viagem prevista de 12 a 16 de dezembro, que foi adiada para o semestre seguinte, por questões ligadas a realizações de avaliação final de algumas disciplinas, além da disposição de

alguns para trabalhar no final do ano, gerando assim a paralisação das atividades do GEDoc nas férias escolares. Minha participação nessa fase inicial se deu mais como observador, pois se tratava de uma continuidade de trabalho feito antes de minha chegada. O grupo foi dividido em pesquisa/produção, realização e edição, mas todos contribuíram nas demais áreas de produção. Durante a captação de imagens, a equipe foi formada por três pessoas, além do orientador.



Fig. 1 Entrevista com Gilmar de Carvalho



Fig. 2 Depoimento do Oswald Barroso

A última reunião do ano foi no dia 27 de novembro de 2013, portanto, no mês de dezembro e janeiro de 2014, as atividades foram praticamente suspensas pela mudança de semestre e pelas férias. De acordo com Valdo Siqueira, foi a primeira vez que o GEDoc teve suas funções paradas durante recesso escolar. Houve um encontro no dia 08/01/2014, mas não muito proveitoso, e os trabalhos retornaram normalmente a partir da primeira semana de fevereiro deste ano. Em anexo seguem as atas de reunião do GEDoc, que é feita todas às quartas-feiras.

No início do estágio, minha maior preocupação foi obedecer ao período letivo da ESMAE-DAI, passado em meu primeiro cronograma ao professor-orientador Dr. Jorge Campos, pois enquanto eu estava começando o tempo de estágio, o GEDoc fechava o ano de 2013 em um momento com muitas dificuldades e reformulações. O maior contratempo naquele momento se deu, principalmente, pelos distintos calendários escolares de Brasil e Portugal. Tive duas reuniões em 2013 com o professor orientador Jorge Campos e o professor Quinta Ferreira. relatei, através de videoconferência, minhas limitações iniciais, e me comprometi que no reinício dos afazeres do grupo em fevereiro, entraria em contato para reformular meu cronograma de acordo com a realidade letiva da Universidade de Fortaleza e do GEDoc, sem afetar a realidade do período letivo da ESMAE-DAI, satisfazendo, assim, a carga horária do Estágio Supervisionado.



Fig. 3 Reunião do GeDoc no Labomídia

As atividades do GEDoc reiniciaram normalmente em 05/02/2014. O primeiro dia foi marcado pela apresentação do grupo aos alunos novatos. Aos demais interessados foi feito o convite. A prioridade, nesse momento inaugural, foi estabelecer a conclusão dois documentários em processo final. A imagem que faltava para o documentário sobre o teatro, era uma cena com um nu, portanto, necessitávamos de dois atores para a interpretação; a edição foi concluída a inserção dessas cenas. Sobre a literatura de cordel, faltava coletar imagens na cidade de Juazeiro do Norte e um depoimento do escritor de cordel Klévisson Viana, e, por fim, a fechar a montagem. Naquele momento também foi solicitada aos integrantes, sugestões para novos temas, projetando-se até o final de fevereiro. A ideia de novos assuntos é para elaborar os possíveis temas a serem escolhidos e pesquisados, iniciativa louvável, mas inviável em sua prática já que estávamos em processo de realização de outros documentários.

Durante o mês de fevereiro surgiu ainda uma possibilidade de iniciarmos um novo documentário sobre os repentistas na cidade de Limoeiro do Norte, um trabalho com contemplado por edital da Secretaria de Cultura do Estado SECULT-CE, e o GEDoc, no caso, participou com a coprodução e realização. Vale salientar que tal projeto foi uma solicitação externa e prontamente aceita pelo grupo, visto que se encontrava bastante adiantado em suas pesquisas, prestes às gravações, que ocorreram em cinco dias no interior do Ceará. O proponente do documentário é o pesquisador e compositor Eugênio Leandro, que nos encontrou no dia 26 de fevereiro para uma apresentação de seu projeto, contemplado por edital da Secretaria. Em suas colocações, o autor salientou que o Repente, uma maneira de cantar com improvisos e rimas, é uma arte que está caindo no esquecimento, e a escolha da cidade de Limoeiro para as gravações, é pela razão de o local ser, historicamente, a mais significativa em qualidade e quantidade de poetas repentistas. O documentário encontra-se em fase de finalização.



Fig.4. Apresentação do pesquisador e compositor Eugênio Leandro

O documentário sobre o encontro de Raimundo Fagner com Luiz Gonzaga será trabalhado de forma coletiva em sua decupagem, pois trata-se de material de arquivo de posse do próprio cantor, cedido gentilmente ao GEDoc, através do orientador Valdo Siqueira, que trabalha com artista, e é responsável pelos seus materiais de imagem e vídeo. Esse documentário será

desenvolvido em cima material videográfico recheado de curiosidades. Embora refutado por Fagner, alegando qualidade menor pela definição de imagens ao acaso, o material tem valor pela raridade do momento em que Luiz Gonzaga, já no final de sua vida, gravava no estúdio com o cantor cearense, o disco *Luiz Gonzaga & Fagner*, lançado em 1984.

O surgimento desse material deve-se ao um encontro que aconteceu em Portugal. Em um hospital, já debilitado, o cineasta Glauber Rocha solicita para Fagner uma ajuda para o início de carreira de sua filha no cinema, Paloma Rocha. O convite do cantor veio com o projeto do disco com Gonzaga. A então estreante cineasta filmaria as gravações do álbum, que contou também com a presença do cantor e compositor Luiz Gonzaga Jr., o Gonzaguinha, no estúdio. O resultado não agradou a Fagner, pelas imagens tremidas, do chão, desconexas, aparentemente não aproveitáveis. O que assustou ao cantor, na verdade, foi um conjunto de imagens brutas, um copião, para futuramente serem editadas. Esse documentário sobre o histórico encontro, especificamente envolvendo os fatos de sua realização, despertou-me interesse.

Mas a finalização de projetos como o documentário da literatura de cordel, outro sobre teatro, e, principalmente, o trabalho sobre o repentista, que tinha que obedecer um prazo de entrega, postergou o trabalho sobre o encontro dos dois cantores, e somente no mês de setembro de 2014, voltou a ser levantada sua importância de realização e reinício do processo de planejamento de filmagem. Por se tratar de um trabalho de arquivo, foi percebido a dificuldade da sua realização pelo grupo.

Outra ambição do GEDoc, esta, sim, de longo prazo, é a criação de um acervo sobre o documentário no Ceará, trabalho que exige muito fôlego, pela dificuldade de um registro das realizações do gênero, produzida no Ceará e por cearenses. O cinema documental no Ceará teve visibilidade internacional pela primeira vez com ilustre presença do cineasta Orson Welles na década de 40, mas já contava com um vasto material de arquivo realizado pelo fotógrafo sírio-libanês-brasileiro Benjamim Abrahão e pelo empresário e fotógrafo Adhemar Bezerra de Albuquerque. Percebo que esse trabalho em específico exige um grau de comprometimento da própria universidade, pois demanda muito empenho do grupo, e uma bolsa de iniciação. A pesquisa deve ser considerada fundamental para os alunos pesquisadores. Apesar do grupo ter 4 anos, ainda não foi lhe dado o devido crédito e reconhecimento, talvez pela própria maturidade, ou pela valorização da memória ainda não ser prioridade.

As atividades do mês de junho e julho do GEDoc foram muito comprometidas, tanto pelo evento do Campeonato Mundial de Futebol quanto pelas as férias escolares alteradas. Muitos feriados, devido aos jogos, e a própria indisposição de uma parcela do grupo, afetaram diretamente meu estágio. Foi um momento delicado pra mim, pois a essa altura já me preocupava, me encontrava perto da primeira fase de apresentação do relatório, que no caso tive que realmente adiantar para a segunda parte, que ocorreria somente em novembro. Preocupei-me bastante e comuniquei ao meu orientador Jorge Campos e ao professor Quinta Ferreira, que me

indicaram um pensamento crítico a respeito de tudo que ocorria, e relatos de tudo vivenciado desde a incompatibilidade do período letivo, até a não finalização de alguns trabalhos do grupo, bem como os proveitos de participar desse estágio. Mesmo nesse momento crítico, retomei com toda força no mês de agosto na elaboração da escrita teórica e o reinício das atividades do GEDoc, fato este que já foi mais difícil ainda, pois enquanto eu retomava a escrita, a ESMAE encontrava-se em recesso escolar, e não pude ter o acompanhamento inicial dos orientadores que se encontravam de férias. Como exposto anteriormente, a cada início de período letivo o GEDoc tem um ciclo de recepção de novos alunos, o que se torna outra dificuldade encontrada pelo grupo, já que é aberto.

As atividades relativas ao período de estágio e o cronograma de atividades foram dialogadas e reformuladas mediante a apresentação do cronograma a seguir no ANEXO 01, em reunião via videoconferência, na presença dos orientadores, Professor Dr. Jorge Campos, professor Dr. Quinta Ferreira, e a Coordenadora Professora Dra. Olívia, na ESMAE-DAI, Porto-Portugal, com os meus coorientadores Valdo Siqueira do GEDoc e com a coordenadora do Audiovisual da UNIFOR, em Fortaleza-CE, e foram apontados os fatos que levaram a essa necessidade de mudança no cronograma. A solicitação do cumprimento da carga horária relativa ao estágio e meus comprometimentos com os trabalhos e relatórios, foram observados pelos orientadores, no qual me dispus a obedecer com as demandas exigidas para esse processo de formação.

O diálogo e a apresentação entre as instituições representadas pelos respectivos coordenadores, foram muito proveitosos, pois além de estreitar laços institucionais, aproximam relações humanas que foram percebidas entre os professores Campo e Valdo, onde falaram de outros projetos em estudo nas duas instituições, e com trabalhos relacionados a parceria das duas instituições.

Quando retornei às reuniões periódicas em setembro com meu orientador, senti que estava caminhando para a evolução do texto. A minha participação nos encontros de pauta, assim como as gravações do GEDoc, terminaram no mesmo mês, para a dedicação exclusiva da parte escrita e embasamento teórico, fase árdua, pois demandou um tempo para estabelecer essa conexão com o que era feito na prática, durante o estágio, o que repercutiria com o referencial abstrato.

Anexo 03

Cronograma de atividades do estágio - Ano 2014

Atividades	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
Reunião (Pesquisa/Formação)	05-12-19- 26	05-12-19- 26	02-09-16- 23-30	07-14-21- 28	04-11-18- 25
Gravações	-	08-09-22- 23-29-30	05-06-12- 13-19-20	10-11-17- 18-24-25	07-08-21- 22-28
Finalização	Dias úteis	Dias úteis	Dias úteis	Dias úteis	Dias úteis
Orientação via e-mail	28	10-29	10-26	07-24	05-28
Orientação Via Skype	04	04	01	06	03
Relatório Mensal	28	28	30	31	30
Orientador Coorientador Via e-mail	-	03	03	02	05
Orientador Coorientador Via skype	05	05	02	07	04

Anexo 05

Contatos coorientadores (Unifor)

Coordenação: Prof.^a Ms. Ana Leopoldina M. Quezado V. Vale

- E-mail: anaquezado@yahoo.com.br

Professor: Prof.^o Ms. Edvaldo Siqueira

- E-mail: valdosiqueira@gmail.com

Anexo 06

Ata da reunião - 13/11/2014

- Cordel.
- Relato sobre a gravação com Gilmar de Carvalho.
- Dia 18, na UFC, estará presente a maior autoridade sobre cordel brasileiro, Ria Lemaire, palestrando. O GEDoc estará presente para entrevistá-la.
- * Mais informações: <http://pt.calameo.com/read/002917496f49b6522754a> *
- Gravação com o professor Batista de Lima, dia 14/11, às 16h, na Hemeroteca.
- Gravação com Oswald Barroso na próxima terça, dia 19/11, no TJA às 15h.
- * A equipe deverá estar às 14h30 no local *
- Marcar gravação com Martine Kunz também na terça.
- Sobre a reunião com a Ana Quezado: ela deu total apoio à viagem. Fora isso, já temos a hospedagem e a van garantidas. Faremos um supermercado de, mais ou menos, R\$ 200,00.
- * Data: 12 a 16 de dezembro
- Seria interessante que o grupo participasse do debate abaixo, que aconteceu amanhã:
*<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=725598254136395&set=a.719008238128730.1073741828.715765925119628&type=1&theater> *
- Teatro. Precisamos achar outra atriz para a gravação, pois a atual desistiu.

Ata da reunião - 20/11

- Entrar em contato com Arlindo, Klevisson, Martine e Rouxinol para gravarmos com eles, perguntando sobre datas possíveis.
- Sobre as gravações no Cariri: entrar em contato com as gráficas faladas pelo Gilmar e Oswald nas captações, captar imagens da feira de Juazeiro, captar imagens na Academia de Cordel do Crato dos poetas, fazer um contraponto de um fóssil com uma xilogravura.
- Produzimos uma narrativa em volta do fogo aqui na Unifor.
- Fazer um levantamento sobre o maior número de capas de cordel.
- *** QUEM SE DISPONIBILIZA? ***
- Extrair dos próximos entrevistados o que não foi falado pelo Batista, Oswald e Gilmar.

P.S: Apareçam!

Ata de Reunião 27/11

- Relatando sobre as gravações realizadas com Gilmar, Oswald e Batista.
- Perspectiva para gravar Martine Kunz, professora da UFC, na próxima semana. Carol já fez contato, mas ela ainda não respondeu confirmando.
- Pedimos para Carol marcar no mesmo dia com Martine e Klevisson.
- Valdo fez contato com Arlindo e ele informou que amanhã, dia 28 de novembro, haverá apresentação do Geraldo Amancio no SESC da Duque de Caxias. Marcamos para gravar Arlindo

às 19h e pedimos que quem puder ir, compareça, pois é uma grande oportunidade. Confirmados: Valdo e Célia.

- Sobre a viagem a Juazeiro:

A diretora do Centro ainda não "bateu o martelo" sobre os recursos para a viagem. Necessidade de pensar um Plano B - viagem para gravação em janeiro de 2014, saindo no dia 16 à noite, gravar nos dias 17, 18 e 19, voltar no dia 19 à noite para Fortaleza.

Ate de Reunião 08/01/2014

- Cordel.
- Carol, se possível, marcar entrevista com Cleveson?
- Marcar entrevista para dia 15/01, às 14h em diante.
- Galera, quanto à viagem, quem vai poder participar.
- Somente válida pra quem já está participando do *GEDoc*.
- Dias 23 a 27 de janeiro.
- Gente, sai daqui na quinta, dia 23/01, e retornamos no dia 27/01.
Quem pode?
- O Valdo espera retorno de quem pode, para que ele fazer a solicitação.

Ata da reunião - 05/02

- Apresentação do *GEDoc* aos novatos.
- Cada um anotou seu nome e *e-mail* para entrarem no grupo.
- Até o final de fevereiro: trazer temas para outras possíveis filmagens do semestre, porém, sendo necessário o quórum.
- Montar a produção do doc Teatro, no aspecto da escolha dos atores para a cena sobre "teatro desnudo".

P.S: Contatar o professor Cleo, do Porto Iracema das Artes, acerca da sua turma de atores.

P.S.2: Aline Abreu, novata no grupo, sugeriu o contato de uma amiga atriz, de 20 anos, que, provavelmente, encararia o papel.

- Sobre a viagem a Juazeiro do Norte, irão somente 10 pessoas, sendo elas membros fixos do grupo. Então, após a finalização do documentário sobre o Teatro, a mesma acontecerá.

Ata da reunião - 12/02

- Teatro:
- Emilly conhece um ator que, talvez, toparia participar da cena. Ela entrará em contato com o ele para saber da disponibilidade.
- A atriz que Aline contactou e topou a participação no documentário.
- Pedro Firmiano também entrará em contato com outros atores.
- Emilly e Aline compartilharão o perfil no Facebook dos atores possíveis para o papel no grupo.
- *** Envolvidos na gravação da cena-teste para o doc Teatro: Emilly, Aline, Pedro.
- Possibilidade de gravar no estúdio do Porto Iracema das Artes.

Gonzagão:

- Segue a primeira minutagem: <https://www.facebook.com/notes/gedoc-unifor/minutagem-do-material-fagnergonzagão/492436624187999>
- Data para reassistir o material do Fagner: 21/02 às 14h na Q18.
- *** Envolvidos em assistir o material novamente: Marcelo Anderson, Maria Eduarda Calcano, Osmar Martins Costa Neto, Emilly, Felipe Milani Albuquerque, Aline, Kahterynne e Pedro Firmiano.
- Após, entraremos em contato com pessoas que tiveram um vínculo entre Gonzaga e Fagner.

Cordel:

- Cineasta, amigo do prof. Valdo Siqueira, cederá um filme de sua autoria gravado na Liga Nordestina, em Juazeiro do Norte, para o nosso grupo.
- Viagem à Juazeiro do Norte, provavelmente, de uma quinta à uma segunda pela manhã.
- Envolvidos no doc Cordel: Jorge Cristina Sousa Vidal Skt, Caio Mota, Diego Camelo, Valdo Siqueira, Aline Abreu, Célia Gurgel.
- Captação com Klévisson Viana: marcar uma nova data.
- *** Envolvidos: * Câmera: Marcelo; * Som: Felipe.
- Possíveis DATAS para a filmagem: Terça (plano A) e Quinta (plano B) da próxima semana.

Ata da reunião - 19/02

Teatro:

- Emilly Guilherme e Aline Abreu ficarão responsáveis pela escolha dos atores para finalização do doc Teatro, ao passo que Osiel Neto também nos mostrará o ator que contatou.
- Convocar os atores para a seleção no dia 28/02 (sexta-feira), pela manhã, na sala 5 do Porto Iracema das Artes.

Cordel:

- Marcar a data da viagem à Juazeiro do Norte.
- Carol Costa está no aguardo do retorno de Klévisson Viana.

Documentário sobre repentistas:

- Eugênio Leandro entrou em contato com Valdo Siqueira acerca do doc que irá gravar, em abril, sobre repentistas, sendo realizado pela sua ONG (Limoeiro do Norte), onde ele gostaria de contar com a produção do GEDoc. Após o apoio do grupo, Valdo irá conversar mais uma vez com ele para saber sobre remuneração, datas e demais informações.

P.S.: Sugestão de trazê-lo a uma reunião do grupo.

P.S2: Serão, basicamente, 5 dias de gravação.

Fagner:

- 21/02, às 14h, na Q18: fazer a segunda minutagem do material.
- P.S.: Pegar o material na Q3 com o Marquinhos.
- Encontro com o Fagner: em março.

Ata da reunião - 26/02

Fagner:

- Nova data da segunda minutagem do material: 07/03 às 14h.

P.S.: Pedro Firmiano, que estará com o material, o entregará à Emily Guilherme.

Repentistas:

- Eugênio esteve presente na reunião e falou sobre a tradição forte que Limoeiro do Norte tem com os cantadores. Também falou sobre o seu projeto em geral. Ele já fez os contatos com os cantadores que iremos gravar e já pesquisou os locais onde eram/são feitas as cantorias. - Trabalho de pesquisa: fazer a leitura do texto que estará no CA de Audiovisual para xerox acerca do tema e procurar o livro "Literatura Popular em Verso" - Casa Ruy Barbosa, na biblioteca da Unifor (se há).

- Eugênio retornará ao grupo após o carnaval.

Teatro:

- Remarcar a data do teste de elenco.

- Até o final de Março, terminar o doc.

- Pedro Firmiano irá contatar um ator de sua confiança.

Cordel:

- No aguardo da resposta de Klévisson para filmá-lo.

Unifor.doc:

- Produzir novamente esse programa, que consiste em fazer a curadoria de documentários produzidos por alunos do curso de Audiovisual e entrevistar os realizadores dos docs escolhidos.

- Programa com blocos de 30'.

- Envolvidos na curadoria: Gabrielle de Castro, Marcelo Anderson, Katherynne Villarim, Osmar Martins Costa Neto e Emily Guilherme.

- Data: após o carnaval e entregá-la ao final de Março;

- Envolvidos na realização:

*Câmera: Gabrielle de Castro

*Som: Marcelo Anderson e Gregori Fiorini Cunto

*Produção: Carol Costa

*Edição: Carol Costa.

- Minutagem do Unifor.doc passado:

"1) Canabrava (10')

Desatino (22':18")

2) Santos Dumont, 1170 (12':06")

8 Estações (17':34")

3) Eu Canto (24':29")

Casa de Memórias (8')

4) Contramão (23')

Diálogos (12')

5) Teatro (aprox. 20')

Vilarejo da Batoca (10")"

Ata da reunião - 12/03

P.S: Próxima quarta não haverá GEDoc, pois será feriado.

TEATRO:

- Valdo Siqueira irá conversar com Nara Martins para resolver a situação do doc. do Teatro ainda este mês. Caso ela não possa estar à frente, o grupo tomará a frente da gravação.

VIOLEIROS:

- O vídeo será filmado em abril, com o prazo de entrega ao final de maio.

CORDEL:

- Fazer imagens com o vendedor de cordel que está aos sábados e domingos no Dragão do Mar (saber com ele um bom dia para fazê-lo), mas, antes disso, conversar com ele sobre os seus conhecimentos acerca do seu trabalho, bem como do tema.

* Joyce Cristina Sousa Vidal Skt irá conversar com o mesmo na sexta à noite.

- Gravar com o Arlindo (tem um acervo em sua casa sobre repentistas).

FAGNER:

- Emilly Guilherme está com o material do cd de Fagner e Gonzaga.

- Os envolvidos na minutagem farão, FINALMENTE, a minutagem na próxima terça-feira às 14h às 17h, dia 18/03, na Q18.

UNIFOR.DOC:

- Envolvidos na curadoria: Joyce Cristina, Gabrielle de Castro, Marcelo Anderson, Katherynne Villarim, Osmar Martins Costa Neto e Emilly Guilherme.

- Data para assistir os primeiros documentários: próxima segunda, dia 17/03, de 14h às 17h, no Labomídia.

- Gabrielle de Castro será a responsável por per os DVDs com o Valdo amanhã, dia 13/03.

MOSTRA PORTUGAL/BRASIL:

No dia 07/04, nós, do GEDoc, faremos uma mostra de curtas enviados pela ESMAE-DAI (Porto/PT), através do mestrado de Pedro Firmiano. A mesma mostra acontecerá na ESMAE com vídeos produzidos pelo nosso grupo, também no mesmo dia.

Ata da reunião - 26/03

CORDEL:

- Joyce conversou com o vendedor de cordel Paiva Neves e ele disse que não pode ser filmado dos dias 18 a 22 de abril, pois viajará; logo, a gravação precisará ser antes. Ele falou que podemos entrar em contato com ele assim que pudermos, pois ele topou a gravação.

UNIFOR.DOC:

- Houve a primeira curadoria de documentários na segunda passada.

- O Valdo Siqueira irá entregar mais dvds na próxima reunião..- Emilly Guilherme irá marcar uma nova data com as outras pessoas que irão fazer a minutagem, as quais não vieram à reunião.

Ata da reunião do GEDoc - 09/04

Teatro:

- Aconteceu, nesta semana, uma fase de fechamento do Teatro.

- No aguardo das gravações que o Felipe Milani Albuquerque fez e irá postar.

- Filmagem: Às 8:00h na T2A;

P.S: Câmera: Valdo Siqueira

Assistente de câmera: Pedro Firmiano

Som: Osmar Martins Costa Neto

Contra-regra: Emilly Guilherme

Vídeo de Limoeiro:

- Eugênio Leandro quer que a turma viaje logo para lá e um bom período seria no final de semana após a Semana Santa, no dia 24/04, pela manhã.

* Quinta de manhã: conhecer a cidade e filmar, à tarde, umas 2 pessoas.

* Sexta: filmar 3 pessoas (no mínimo).

* Sábado e domingo: filmar a feira e os demais locais (imagens de apoio).

PRODUÇÃO: Carol Costa e Gabrielle de Castro

ASS. CÂMERA: Emilly Guilherme

SOM: Pedro Firmiano

P.s: Valdo levantará com Eugênio se terá making off. Caso sim, Joyce Cristina estará na função.

- O vídeo estará pronto, obrigatoriamente, no final de maio.

Fagner:

- Emilly trará o material na sexta para entregar ao Valdo e este mostrará, de forma geral, ao grupo na próxima reunião. O grupo deverá chegar 1 HORA ANTES do horário normal de reunião.

- Será feita outra minutagem do disco 3.

- A minutagem feita está anexa em ARQUIVOS.

Cordel:

- Joyce falou com o Paiva Neves há uma semana.

- Pedro Firmiano, Joyce e Valdo gravarão sábado à noite, às 19:00h, no Dragão.

- Proposta de filmagem com Paiva: cinema direto, câmera de longe pegando imagens das pessoas passando pela banca.

Unifor.doc:

- Mais informações próximo encontro. Dia 16/04.

16/04

Ata da reunião de véspera da semana santa

Pontos:

1. Reavaliação dos membros do grupo no Facebook. Decidimos que apenas os membros ativos continuarão cadastrados virtualmente, sendo necessária remoção dos que encontram-se inativos.

2. Vídeo do Teatro:

Segundo o relato do Valdo Siqueira, as captações se deram de forma satisfatória, tanto no que toca à dramaturgia quanto à parte literária (texto encenado) e à fotografia e o som. Foi considerado, portanto, bem sucedido o esforço de término deste vídeo. Próxima fase inclui Valdo, Nara Martins e Carol Costa no encaixe destas peças na edição final.

3. Viagem à Limoeiro:

Há a necessidade urgente de fecharmos os detalhes acerca das captações do vídeo sobre os repentistas em Limoeiro do Norte. Até aqui, confirmaram presença: Valdo (direção), Carol (produção), Emilly Guilherme (ass. de câmera) e Pedro Firmiano (som).

Ata da reunião de hoje 23/04

Fizemos um resumo da gravação do teatro, com Marcelo, Emilly e Osmar. Recebemos uma proposta do lançamento do vídeo do teatro, por alunos do curso de eventos para o final de maio, o que quer dizer que nós teremos que editar este vídeo imediatamente, visto que já captamos todas as imagens necessárias: Carol agora é contigo.

Dia 08 - quinta-feira até dia 11- domingo - vai acontecer a viagem à Limoeiro. Precisamos confirmar efetivamente quais os membros do GEDoc estarão presentes nessas captações.

Foi marcado para um sábado à noite, dia 3 de maio às 18 horas, a entrevista com o vendedor de cordel. Joyce deve tentar remarcar com o cordelista. Pedro, tentar dar suporte a Joyce.

Sobre a escolha do material do Unifor.Doc. Segunda, dia 28 das 14h até as 16h30, haverá uma nova curadoria com novos vídeos de documentários entregues pelo Valdo na coordenação

para Gabrielle ir pegá-los.

Ata da reunião de 07/05

- Valdo entregou 16 DVDs à Gabi para a curadoria do Unifor.doc.
- Escolha, em conjunto, dos momentos para encaixe das recentes imagens de apoio do doc Teatro.
- Valdo irá finalizá-lo até o fim da semana vigente.
- Carol Costa irá postar os nomes de quem participou do doc Teatro para os créditos (ficha técnica).
- Lançamento do doc Teatro no Vetor das Artes, dia 14, às 19h, no Teatro Celina Queiroz.
- Nos créditos, fazer um agradecimento em especial ao Bagaceiras.
- Viagem à Limoeiro:
Definir a data para a viagem. (Proposta: saída na quarta à tarde até o domingo.)

Ata da reunião 14/05

Limoeiro:

- A viagem Limoeiro será feita em, no máximo, 15 dias (durante o mês de maio).

Cordel:

- Está parado até segunda ordem.

P.S.: Nós estamos aqui aguardando o horário de exibição do doc Teatro da Luz no Teatro Celina Queiroz. Valdo já conferiu tudo (imagem, som...), porém, sabe-se que com chuvas e trovoadas será muito difícil haver público suficiente para esta exibição.

Ata da reunião 21/05

Limoeiro:

- Valdo Siqueira teve uma reunião com o Eugênio e ele precisa que o grupo grave o quanto antes. Gravaremos com 3 depoentes na próxima semana, quinta-feira as 19h, no Sesc Emiliano Queiroz. Eles estarão reunidos lá para um evento.
- Sobre Limoeiro, a ideia é ser no final da próxima semana.

Teatro:

- Foi falado sobre a exibição do doc Teatro na quarta passada e também sobre marcarmos uma exibição de verdade, possivelmente no TJA.

Unifor.doc:

- "Gabrielle de Castro, e aí, gata? rs"
- Maria Eduarda Calvano apresentará o programa.

Fagner:

- Valdo conseguiu dois bons depoimentos sobre a relação de Fagner com Luis Gonzaga.
- Emilly Guilherme precisa trazer o material na próxima reunião pois, na mesma, faremos a minutagem em grupo.

Ata da reunião 27/05

- A coordenação do curso solicitou ao *GEDoc* que fizesse um programa para a TV Unifor com documentários feitos pelos alunos do curso. Ainda não há informações mais precisas sobre o projeto.

P.S.: O que o grupo acha? Topam?

P.S.: Não e o Unifor.doc

- Amanhã, Emilly Guilherme, Gabrielle de Castro e Osmar Martins Costa Neto estarão no Labomidia para fazer a curadoria do Unifor.doc.

- Gabrielle trará este material na quarta-feira que vem.

- Maria Eduarda Calvano será a apresentadora do programa.

Ata da reunião 13/08

- Apresentação sobre o grupo de estudos *GEDoc* para os novos participantes.

Planos para o semestre:

Cordel:

- Terminar o documentário do Cordel.

- Uma 3 captações e provavelmente estará concluído.

Limoeiro:

- Terminar o documentário de Limoeiro.

- Uma nova viagem para captação com um grupo, quem tem disponibilidade?

(Focar nesses 2 primeiros meses em terminar Cordel e Limoeiro).

Fagner:

- Dar andamento ao documentário do Gonzaga/Fagner.

(Estudar o material, antes de conversar com o Fagner).

Unifor.doc:

- Emilly Guilherme ficará responsável por botar pra frente.

- Novas propostas de temas para próximos documentários.

- Pensar como dar visibilidade ao nosso material.

(Tentar fazer exibição no Porto de Iracema, Dragão do Mar).

- Fazer outro lançamento pro documentário Teatro.

Anexo 07

ESMAE | POLITÉCNICO
DO PORTO

Fortaleza, 15 de outubro de 2014

Exma Senhora Professora Doutora Olivia Marques da Silva, Presidente do Conselho Técnico Científico da Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo,

Eu, Pedro Mauro de Morais Sousa Firmiano, estudante do Mestrado em Comunicação Audiovisual, na Especialização em Cinema Documental, submeto ao Conselho Técnico Científico da ESMAE o Projeto/Estágio Profissional com o título "Grupo de Estudos em Documentário (GEDoc) da Universidade de Fortaleza (Unifor)", de acordo com as orientações do Documento das Normas de Apresentação do MCA para a Prova de Defesa Pública.

Com os melhores cumprimentos,



Anexo 08



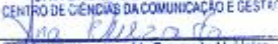
Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza
Centro de Ciências da Comunicação e Gestão

PARECER

Declaramos, que Pedro Mauro Firmiano, ex aluno de graduação desta universidade, cumpriu estágio na instituição no período do primeiro semestre do ano em curso, compreendendo o tempo total de seis meses. O objeto, motivo de sua investigação científica concentrado na atuação do Grupo de Estudos de Documentário – GEDoc, foi pesquisado de duas formas: através de levantamento de dados primários e secundários, bem como, no acompanhamento de reuniões do grupo mencionado, via participação periódica e em entrevistas de campo, pelas quais, dou fé. O referido aluno cumpriu carga horária semanal aproximada de três horas, no âmbito interno da pesquisa, tendo, naturalmente acrescido à esta, outras horas de pesquisa externa, desenvolvida na escrita do projeto.

Fortaleza, 14 de outubro de 2014

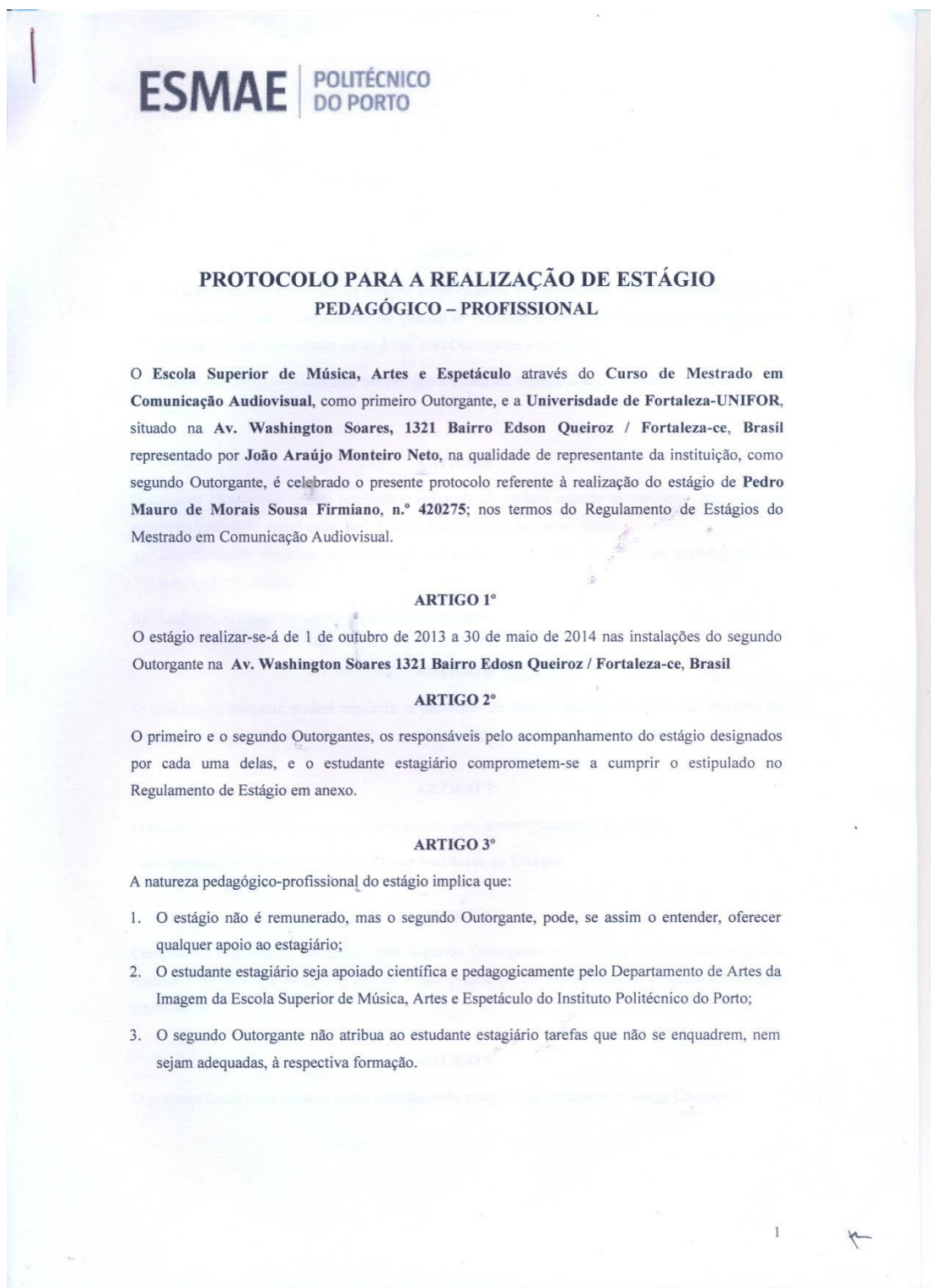
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E GESTÃO


Ana Leopoldina Wabedo Quezado
Audiovisual e Novas Mídias
Unifor



AV. WASHINGTON SOARES, 1321 – BAIRRO EDSON QUEIROZ – FONE: 3477-3000 (PABX)
FORTALEZA-CEARÁ-BRASIL - CEP 60811-341

Anexo 9



ARTIGO 4º

1. A caducidade do protocolo de estágio dá-se quando, nos termos das respectivas cláusulas, se encontre esgotado o seu objecto ou quando se verifique a impossibilidade superveniente de o estagiário receber formação ou de o segundo Outorgante a ministrar;
2. Verifica-se ainda a caducidade sempre que o estudante estagiário anule a matrícula ou desista do estágio.

ARTIGO 5º

O segundo Outorgante poderá rescindir o protocolo de estágio quando se verifique, por parte do estudante estagiário, como causa justificativa, qualquer dos seguintes factos:

- a) Desobediência ilegítima às ordens ou instruções que receber das pessoas encarregadas da orientação do estágio;
- b) Lesão culposa dos interesses do segundo Outorgante.

ARTIGO 6º

O primeiro Outorgante poderá rescindir o protocolo de estágio quando se verifique violação do previsto no artigo 1º ou dos deveres do segundo Outorgante constantes do presente protocolo.

ARTIGO 7º

O segundo Outorgante nomeia como responsável pelo acompanhamento do estágio:

Ana Quezado e Edvaldo Siqueira - Coordenadores do Estágio.

ARTIGO 8º

Compete ao responsável designado pelo segundo Outorgante acompanhar o estudante estagiário durante o período de estágio e avaliar a sua prestação, de acordo com o Projecto de Estágio estabelecido.

ARTIGO 9º

O primeiro Outorgante nomeia como orientador do estágio o(a) professor(a): **Jorge Campos.**

ARTIGO 10º

Nos termos das competências do primeiro Outorgante estabelecidas no Regulamento do Estágio em vigor, compete ao professor orientador controlar o desempenho do estudante estagiário durante o período de estágio, através de contactos periódicos distribuídos pelos seguintes meses: **novembro e dezembro de 2013 a fevereiro, março, abril e maio de 2014** com o local de trabalho.

ARTIGO 11º

São deveres do estudante estagiário durante o seu período de estágio:

- a) Ser assíduo e pontual no cumprimento do horário de trabalho;
- b) Cumprir no mínimo 8 horas de trabalho semanais;
- c) Ter um comportamento correcto e cordial, respeitando os seus superiores hierárquicos e os seus colegas de trabalho;
- d) Cumprir diligentemente, e com zelo e sigilo, as tarefas que lhe forem confiadas pelo responsável designado pelo segundo Outorgante para o seu acompanhamento, aplicando os conhecimentos e as técnicas adquiridas na componente académica do seu curso;
- e) Dispensar o maior cuidado aos bens materiais que lhe forem confiados para sua utilização.

ARTIGO 12º

São direitos do estagiário:

- a) Ser efectivamente acompanhado durante o período de estágio, tendo regularmente tarefas a desempenhar;
- b) Não executar, regularmente, tarefas que não se enquadrem, ou não sejam adequadas, à respectiva formação;
- c) Cumprir as horas semanais mínimas definidas na alínea b) do artigo anterior.

ARTIGO 13º

1. O seguro escolar, a que o estudante estagiário tem direito, abrange igualmente o período de estágio;
2. O segundo Outorgante fica isento de responsabilidade em caso de qualquer acidente que ocorra com aquele durante o referido período;
3. As responsabilidades do primeiro Outorgante abrangem exclusivamente os montantes estabelecidos no seguro escolar.

ESMAE | POLITÉCNICO
DO PORTO

ARTIGO 14º


Os casos omissos no presente regulamento serão decididos de acordo com a legislação em vigor referente a esta matéria.

Fortaleza, 25 de outubro de 2013.

Primeiro Outorgante

Segundo Outorgante

Presidente da Escola Superior de Música,
Arte e Espetáculo



João Araújo Monteiro Neto
Coordenador da Assessoria Internacional da
Universidade de Fortaleza-UNIFOR

Aluno/Estagiário



Pedro Mauro de Morais Sousa Firmiano

Anexo 10



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

Fortaleza, 14 de junho de 2013.

AO

Sr. Pedro Mauro de Morais Sousa

A Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Instituição de Ensino Superior mantida pela Fundação Edson Queiroz, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 07.373.434/0001-86, localizada na Av. Washington Soares nº 1321, bairro Edson Queiroz, na cidade de Fortaleza/CE, vem por meio do Assessor Internacional da Vice Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária, Prof. João Araújo Monteiro Neto e do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão do curso de Áudio Visual e Novas Mídias, tem a honra de receber o aluno visitante, **Pedro Mauro de Morais Sousa**, passaporte: FE405626 mestrando do Instituto Politécnico do Porto-Portugal, no período de agosto/2013 à julho de 2014.

Prof. João Araújo Monteiro Neto
Assessor Internacional da Vice Reitoria de Extensão